



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS  
PROFLETRAS

ALANNA RODRIGUES NERI CUNHA

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA:  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O 9º ANO**

Cajazeiras-PB  
2021

**ALANNA RODRIGUES NERI CUNHA**

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA:  
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA O 9º ANO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Proletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção de título de Mestre, área de concentração Linguagens e Letramentos.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Daise Lilian  
Fonseca Dias

**Linha de pesquisa:** Estudos Literários.

Cajazeiras-PB

2021

C972s Cunha, Alanna Rodrigues Neri.  
Sequência didática com literatura de ficção científica: proposta de intervenção para o 9º ano / Allana Rodrigues Neri Cunha. - Cajazeiras, 2021.  
101f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Daise Lillian Fonseca Dias.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)  
UFCG/CFP, 2021.

1. Letramento literário. 2. Leitura. 3. Literatura. 4. Ensino. 5. Sequência didática. 6. Ficção científica. 7. Formação de leitores. I. Dias, Daise Lillian Fonseca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 028(043.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

Dissertação submetida à Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do  
título de Mestre em Letras, pelo PROFLETRAS.

BANCA EXAMINADORA

Cajazeiras, 26 de abril de 2021.



Prof.<sup>a</sup> Dra. Daise Lilian Fonseca Dias (UFCG)  
Orientadora

\_\_\_\_\_  
PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Francisco Francimar Alves de Sousa (UFCG)

(Examinador interno)

\_\_\_\_\_  
PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Prof.<sup>a</sup> Dra. Diana Maria Leite Lopes Saldanha (UERN)

(Examinador externo)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Dorgival Fernandes (UFCG)

(Suplente)

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas bênçãos recebidas, seu infinito amor, proteção e força para me fazer continuar nesta caminhada de aprendizado.

A meu esposo, Hugo Cunha, que me incentivou, apoiou e ajudou durante todo o processo do mestrado.

A meu filho Hugo Israel, que mesmo pequeno, entendeu os momentos que precisei ficar longe dele para estudar.

À minha mãe, Vera, e a meu pai, Francisco, que me incentivaram e ajudaram, como sempre, a concluir mais uma etapa da vida acadêmica e por cuidarem do meu filho, para que eu pudesse estudar.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Daise Lilian Fonseca Dias, pela paciência, orações e ensinamentos, que foi um norte para mim, orientando a pesquisa, mostrando uma variedade de leituras, conhecimentos e saberes novos.

Aos meus colegas de turma, pelas partilhas e companheirismo. Em especial a Dalva, Raimunda, Alvani, Sônia, Ceyça, Sara e Romero, colegas de viagens, dormitório e/ou trabalhos.

Aos professores que estiveram na banca de qualificação, Prof<sup>ta</sup> Dra. Hérica Paiva e Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa, pelas contribuições para aperfeiçoamento deste trabalho.

Aos demais professores do Mestrado Profissional em Letras - Profletras da UFCG, campus de Cajazeiras, pelos conhecimentos socializados de forma tão amigável.

À coordenação do Mestrado Profissional em Letras - Profletras, do Campus de Cajazeiras, pela atenção, responsabilidade e eficiência.

À Capes, pelo incentivo financeiro.

“Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”.

Josué 1: 9.

## RESUMO

Um dos objetivos desta dissertação é debater questões relacionadas à leitura, formação de leitores e ensino de literatura. Com base em nossa prática docente, temos como problemática o desinteresse dos alunos pelos textos literários propostos pela escola. Partindo desse pressuposto, objetivamos construir uma proposta pedagógica com vistas à promoção do letramento literário, por meio de uma sequência didática, com o gênero ficção científica, para o 9º ano do Ensino Fundamental, partindo de um conto de Edgar Allan Poe, “Os fatos no caso de M. Valdemar” (1845). Nesse contexto, será realizado um levantamento de questões teóricas que auxiliem no desenvolvimento da proposta de intervenção, com vistas a fundamentar também as atividades propostas relacionadas à análise de elementos estéticos de textos literários de ficção científica. Acreditamos que o trabalho com sequência básica é uma ferramenta eficaz para promover o letramento literário e desenvolver o hábito leitor, além disso, a temática de ficção científica é por demais apreciada pelos alunos do Ensino Fundamental, sobretudo graças ao cinema e suas adaptações de obras desta estética. Para levar a efeito tal empreitada, contamos com o aporte teórico de Cosson (2007), Soares (2012), Orlandi (2006), Kleiman (1999), Bamberger (1986), Marcuschi (2004), Koch (2013), PCN (2013), BNCC (2017), dentre outros. As discussões e proposta de trabalho aqui apresentadas se constituem em um valioso instrumental para o professor estimular o prazer da leitura literária dos alunos, juntamente com a promoção do letramento literário sistemático que só a escola pode oferecer.

**Palavras- chaves:** Letramento literário, Ensino de literatura, Sequência didática, Ficção científica

## ABSTRACT

One of the objectives of this dissertation is to debate issues related to reading, readers formation and teaching of literature. We have as main problematic students lack of interest for the literary texts offered by the school. Having this in mind, we also have the objective of building a pedagogical proposal that aims at promoting literary literacy, through a didactic sequence about science fiction for the 9th grade of the Brazilian Elementary School years, which has as its main text Edgar Allan Poe's short story "The facts in the case of M. Valdemar" (1845). In this context, it will be made a research on theoretical aspects to guide us in the development of the intervention proposal, as an attempt to better support the activities that will be presented related to the analysis of science fiction texts. We believe that working with didactic sequence is an efficient tool to promote literary literacy and develop the reading habit, besides, science fiction is a very appreciated aesthetic by Elementary School students, mostly due to film adaptations of science fiction works. For such an enterprise, we used the theoretical support of Cosson (2007), Soares (2012), Orlandi (2006), Kleiman (1999), Banberger (1986), Marcuschi (2004), Koch (2013), PCN (2013), BNCC (2017), among others. The discussions and activities suggested in this research constitute a valuable material for the teacher to stimulate students concerning the pleasure of reading, as well as to promote the systematic literary literacy that only the school can offer.

**Key-Words:** Literary literacy, Teaching of Literature, Didactic sequence, Science fiction.

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	9
1.1 Panorama da pesquisa.....	9
1.2 Aspectos da pesquisa .....	11
2.1 Leitura e formação do leitor literário.....	14
2.2 Letramento, letramento literário e multiletramentos .....	21
2.3 Panorama histórico do ensino de literatura.....	31
3. Proposta de intervenção para o 9º ano .....	44
3.1 Sequência didática .....	44
3.2. Sequência básica: uma proposta de aplicação .....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	92
REFERÊNCIAS .....	95

## **1. Introdução**

### **1.1 Panorama da pesquisa**

A leitura possibilita muitos benefícios, tais como: aumenta o conhecimento de mundo e da cultura em geral, melhora o vocabulário, ajuda a manter a saúde mental, desenvolve o senso crítico. Entretanto, o Brasil vem atravessando uma crise de leitura nas últimas décadas. Família, professores, escola, profissionais da educação e governo têm se preocupado com os níveis de leitura dos brasileiros. Pesquisas como do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), tradução de Programme for International Student Assessment, avalia o nível de letramento em leitura, em matemática e científico, destacaremos as informações relacionadas à leitura, conforme a edição de 2018, disponibilizado no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 50% dos jovens brasileiros analisados não atingem o nível mínimo de proficiência em leitura que todos devem apresentar até o último ano do ensino médio. O PISA é um importante programa de avaliação em larga escala de alcance mundial, desde sua criação, em 2000, tem ganhado mais participantes, em 2018, participaram 79 países, os alunos são avaliados por meio de prova escrita, na última edição alguns países, dentre eles o Brasil, realizaram os testes por meio de uma plataforma de aplicação off-line.

Na verdade, muitas pesquisas são realizadas, tendo como foco a leitura. Têm-se discutido sobre sua relevância e traçamos estratégias para superar as dificuldades relacionadas a ela, contudo, não podemos negar o quanto ainda precisa ser feito e estudado com relação a esta temática.

Nesta dissertação, com base em nossa prática docente, temos como problemática o desinteresse dos alunos pela leitura dos textos literários propostos pela escola. Partindo desse pressuposto, apresentamos uma sequência didática com o gênero Ficção Científica, para servir de auxílio aos professores, uma sugestão de como trabalhar a literatura de forma envolvente e atraente com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II. Pois, um trabalho bem desenvolvido com a literatura possibilita muitos benefícios, dentre eles, aprimorar o intelecto, melhorar a demonstração das emoções e alargar os horizontes pessoais e culturais. Nesse sentido, precisamos analisar as práticas de ensino de literatura

e como a leitura de ficção científica pode ser uma ferramenta importante para estimular o gosto pela leitura.

A ficção científica tem sua origem enquanto gênero na obra *Frankenstein* (1818), da escritora inglesa Mary Shelley e nos contos do escritor americano Edgar Allan Poe, escritos nas décadas de 1830 e 1840. O seu surgimento está relacionado à Revolução Industrial e, por conseguinte, com invenções tecnológicas do período, além do crescimento desordenado de grandes cidades, o que levou ao aumento da criminalidade e à coberturas jornalísticas, as quais geravam grande interesse pelo público. A ficção científica ganhou muitos adeptos, principalmente pelas semelhanças encontradas entre os elementos descritos nas obras literárias deste gênero e os presentes na sociedade. Sendo um gênero multimidiático, pois além da literatura, encontramos, também, no cinema, vídeo games, televisão e música. Sua origem mais expressiva e conhecida está nas obras de autores, além dos citados, Júlio Verne (autor de *20.000 mil léguas submarinas*, etc) e H. G. Wells (autor de *A máquina do tempo*, etc). Os quatro autores aqui citados costumam ter suas obras inseridas com frequência nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa, no Brasil. Nesse ponto de vista, a inclusão da ficção científica permitirá que as aulas de literatura sejam mais atrativas, pois esse gênero é de grande interesse dos alunos. Nossa ideia é partir de algo que eles gostam para depois ampliar o repertório e o horizonte de expectativas deles, evitando que estacionem na apreciação dos mesmos gêneros literários e os mesmos autores.

Deste modo, procuramos construir uma intervenção pedagógica almejando à promoção do letramento literário, usando como instrumento uma sequência didática para o 9º ano do Ensino Fundamental, nos moldes de Cosson (2007), a qual terá como texto base, o conto “Os fatos no caso de M. Valdemar” (1841), de um dos pais da ficção científica, o conhecido escritor norte-americano, Edgar Allan Poe (1809-49). No caso dos objetivos específicos, propomos: fazer um levantamento de questões teóricas que auxiliem no desenvolvimento da proposta de intervenção; promover o letramento literário em alunos do 9º ano por meio do gênero de ficção científica; analisar elementos estéticos de textos literários (de ficção científica).

Como sabemos, a literatura desempenha um papel importante em nossas vidas, entretanto, muitos indivíduos ainda não perceberam o valor dela; talvez a maneira como ela é apresentada seja o motivo, muitas vezes a aula de literatura se configura na historiografia e não na leitura das obras literárias. Nesse ponto de vista, observamos a necessidade de implementar outros *modus operandis* nas aulas de literatura nas turmas

do 9º ano. Assim, um trabalho com ficção científica, gênero de interesse dos alunos, pode levá-los ao hábito de ler livros literários e proporcionar mudanças nas práticas do educador relacionadas ao ensino de literatura.

## 1.2 Aspectos da pesquisa

A pesquisa bibliográfica foi o procedimento técnico metodológico escolhido para este trabalho. Conforme Fonseca (2002, p. 32) “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos”. Dessa forma, iniciaremos com uma revisão de literaturas relacionadas aos conceitos de leitura, literatura, letramento, multiletramentos, letramento literário e os procedimentos metodológicos usados no ensino da literatura e na formação de leitor. Para a fundamentação teórica temos como base os estudos de Cosson (2007), Soares (2012), Rojo (2012), Orlandi (2006), Bamberger (1986) Kleiman (1999), Candido (2011), Marcuschi (2004), Koch (2013), PCN (2013), BNCC (2017).

Discutiremos também sobre o gênero ficção científica, e apresentaremos o que é ficção científica do ponto de vista dos estudos literários. Além disso, abordaremos de que modo esse gênero vem sendo trabalhado em sala de aula, conforme alguns autores pesquisados. Tendo em vista os seguintes questionamentos: Qual a relação entre ficção científica e cinema? Quantos filmes e séries não foram vistos por milhões? Por quê? O que atrai tanto nesse tipo de ficção? Com isto, visamos despertar o professor para o elevado interesse que este gênero desperta nos alunos, tendo em vista grandes sucessos do cinema com obras adaptadas ou não e que são ficção científica, as quais têm ganhado adeptos entre os alunos brasileiros nas últimas décadas, a exemplo das franquias *Planeta dos Macacos* e *Divergente*.

Quanto à abordagem escolhida, ela é de cunho qualitativo, tendo o ambiente natural como fonte de dados, os quais serão interpretados e atribuídos significados. A pesquisa qualitativa apresenta várias formas de pensamento qualitativo, e ele pode ser “interpretativo, baseado em experiências, situacional e humanístico” (STAKE, 2011, p. 41). Neste caso, cada pesquisador escolherá a melhor maneira de desenvolver sua pesquisa, sendo na maioria interpretativa, em consonância com as experiências, singularidades dos indivíduos. Para Oliveira (2008, p. 60), a pesquisa qualitativa caracteriza-se como “um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de

peças ou ato social e fenômeno da realidade”. Dessa forma, faremos uma análise do ambiente natural, observando e interpretando suas problemáticas, salientando a leitura literária e o letramento literário como instrumento de isenção social.

Inicialmente, abordaremos o conceito de leitura, sua importância e formas de realizá-la. Nessa perspectiva, devemos compreender a leitura como forma de interação social e não apenas uma forma de decodificação. Assim, as estratégias e práticas de leitura devem ser desenvolvidas de maneira a conseguir alguns dos objetivos da escola, como promotora do hábito leitor, além de formar cidadãos críticos, que saibam se posicionar de forma protagonista tanto na escola, como na sociedade.

Apresentamos também o conceito de letramento, sua origem, desdobramentos e transformações. Diferenciamos letramento de alfabetização, enquanto esta relaciona-se com a aquisição do domínio da leitura e escrita, o primeiro pauta-se nas práticas sociais de leitura e escrita. Assim, uma pessoa considerada analfabeta pode fazer uso de práticas de letramento, quando, por exemplo, utiliza letras e símbolos para se locomover pelas ruas. Desse modo, o letramento ocorre quando as pessoas alfabetizadas ou não sabem dominar as variadas formas de uso da leitura e da escrita nas interações sociais. Na realidade, o termo letramento passou por algumas mudanças relacionadas à sua nomenclatura, podendo ser encontrados letramentos, multiletramentos, níveis e tipos de letramento; neste trabalho daremos ênfase ao letramento literário. Segundo Paulino (1998, p. 16), o letramento literário, “como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela”.

Além disso, explanaremos sobre o ensino de literatura, um pouco do contexto histórico, sua importância para a vida das pessoas, bem como os principais desafios enfrentados pelas instituições de ensino. A literatura está permeada de saberes humanos que devem ser lidos, aprendidos e liberados a cada leitura. Por esse motivo, devemos valorizá-la e traçar estratégias para desenvolver um bom trabalho com ela nas escolas. Assim, esta pesquisa visa a promoção do letramento literário, levando o aluno a um passeio pelas características do gênero ficção científica, sua interdisciplinaridade, despertando-o para o prazer de ler literatura e aprender sobre ela.

Para tanto, estruturamos nossa pesquisa da seguinte forma. No primeiro capítulo, apresentamos um panorama da pesquisa. No segundo, temos o capítulo intitulado *Questões de Literatura e ensino*. Nele, contemplaremos questões pertinentes ao ensino de literatura, a necessidade da sua (re)significação, com vista ao letramento literário. Para

tanto, abordaremos a leitura e formação de leitor literário, seus conceitos e práticas pedagógicas; discutiremos conceitos e práticas de letramentos desenvolvidas na escola; faremos um panorama do ensino de literatura, sua implementação e dificuldades apresentadas no decorrer dos anos; por fim, falaremos sobre o gênero em estudo, suas características, bem como sua aceitação pelo público jovem.

No capítulo 3, intitulado de *Proposta de intervenção para o 9º ano*, apresentamos teorias e conceitos relacionados à sequência didática, propomos uma sequência básica a partir do modelo idealizado por Cosson (2007). A ficção científica foi o gênero escolhido para a sequência básica, tendo como principal texto o Conto “O estranho caso do Sr. Valdemar,” do autor Edgar Allan Poe. A sequência é indicada para ser desenvolvida pelos professores nas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, por já apresentarem uma certa maturidade para compreender a temática. A partir do trabalho com ficção científica, visamos promover o letramento literário, estimular o deleite da leitura e tornar a literatura atraente para o público-alvo dessa proposta.

A sugestão de sequência didática aqui proposta se constitui em uma opção eficiente para o ensino de literatura, pois possibilita ao leitor em formação ultrapassar a mera decodificação da obra literária, onde ele pode interpretar, interagir, ao fazer uma leitura por prazer, além de desenvolver seu senso crítico. Dessa forma, o letramento literário será promovido e conseqüentemente, a formação do leitor.

## 2.1 Leitura e formação do leitor literário

A leitura é uma constante em nossas vidas, estamos cercados por textos de diferentes tipos e gêneros. Dessa forma, podemos aprender sobre diferentes assuntos por meio dela, usando tanto textos informativos como fictícios. Assim, podemos aprender pela experiência do outro, conhecer lugares e costumes. Conforme Maria (2002, p. 25):

A leitura é a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem saímos de casa; é a exploração de experiências as mais variadas, quando não podemos viver realmente.

É necessário, portanto, conhecer os vários modos de leitura para que seja realizado um trabalho eficiente com os textos. Para Cosson (2014) é preciso conhecer as práticas da leitura, para entender como elas podem contribuir para o diálogo da leitura literária, principalmente, na escola. Primeiro, é apresentada a leitura silenciosa, seu lugar na escola e na sociedade. No ambiente escolar, “a leitura da voz precede a leitura dos olhos” (COSSON, 2014, p. 98), pois a professora é quem ler para os seus alunos, quando esses ainda não foram alfabetizados. Quando o processo de alfabetização é efetivado, as leituras orais são substituídas pelas silenciosas, principalmente, por influência do livro didático, que apresenta um texto para ser lido e só depois serem realizadas atividades relacionadas a ele.

Para uma aula de literatura eficiente temos que proporcionar um encontro pessoal entre os alunos e a obra a ser estudada. Para promover esse encontro, diferentes estratégias didáticas são utilizadas pelos professores. Há várias instituições de ensino que incluíram, durante o horário da aula, um tempo regular destinado à leitura, denominada como Leitura Silenciosa Sustentável pelas escolas Americanas. Durante esse tempo, 10 a 15 minutos, os alunos e professores leem sem receber nenhum tipo de cobrança ou recompensa. O argumento utilizado para defender essa prática é “que se aprende a ler lendo e que a leitura livre é característica da leitura do leitor proficiente” (COSSON, 2014, p. 99).

Já Bamberger (1986, p. 25) apresenta que em muitos países a leitura oral é a que se destaca, pois os alunos são treinados de certa forma a ler cada termo individualmente, o que pode prejudicar a leitura, podendo apresentar “defeitos de leitura que podem durar

o resto da vida”. Entretanto, deve ser salientada a relevância da prática da leitura silenciosa, conforme Bamberger (1986, p. 25):

A prática da leitura silenciosa antes de se iniciar uma tarefa de leitura é importantíssima, pois pesquisas provaram que se compreende melhor quando se lê em silêncio. Além disso, as crianças podem trabalhar mais ativamente do que quando uma ler e as outras prestam atenção (se o fizerem!). A leitura silenciosa é a base da educação individual da leitura. Não obstante, deve-se praticar alguma leitura em voz alta, para promover a educação da fala e a experiência estética da obra de arte literária.

Assim, os professores também precisam promover momentos de leitura em voz alta, mas para que seja realizada uma leitura com expressividade, é necessário solicitar a leitura silenciosa primeiro. Dessa forma, os educandos conhecerão, antecipadamente, a obra a ser lida, assimilando palavras desconhecidas, não sendo surpreendidos com expressões que poderiam causar vergonha na hora da leitura em voz alta.

No final do século XIX, a prática de leitura em voz alta era comum no Brasil, em consequência do número de analfabetos, por ser uma forma de distração da família durante a noite ou porque o material de leitura era pouco, ficando apenas com quem tinha um poder aquisitivo maior (COSSON, 2014). Essa prática perdurou por várias décadas, pois o número de analfabetos, embora tenha se reduzido, permanecia muito alto. No Nordeste, certamente, o gênero mais lido em voz alta nas residências era o cordel. O fato de ser uma narrativa em verso de sete ou dez sílabas (os metros mais populares), de mexer com o imaginário regional (crenças, mitos, lendas, personagens históricos, fatos do cotidiano, etc) tornava a leitura do cordel ainda mais atraente. Muita gente se alfabetizou através da leitura de cordel ou para ler o cordel. Hoje, esse cenário mudou. As reuniões familiares cederam lugar para a televisão; são poucas as ocorrências de saraus; o material de leitura não falta e o número de analfabetos diminuiu. Entretanto, se as condições de leitura em voz alta mudaram, isso não significa que ela deixou de ser importante na formação do leitor e também necessária para o leitor maduro.

Esse tipo de leitura possibilita o conhecimento da obra, proporciona sociabilidade, além de melhor entendimento do texto lido. Para aqueles que não podem fazer a leitura silenciosa, por problemas de visão ou outra deficiência, a leitura em voz alta é fundamental, pois só assim poderão conhecer a obra literária, e essa leitura pode ser feita por um leitor ou com auxílio de um material eletrônico. Portanto, podemos compartilhar o interesse pelo livro quando lemos para alguém, além da interpretação ser

construída em conjunto. Conforme George Jean (*apud* COSSON, 2014, p. 104) “este tipo de leitura em voz alta anuncia discussões, trocas de impressões, contestações, pedidos de informação suplementar e partilhada.”

Um outro tipo é a leitura meditativa, a qual não é feita para procurar sentidos, mas serve para reflexão. Além de possibilitar um conhecimento mais profundo de si. Na contemporaneidade, os objetivos da leitura mudaram, há uma busca pelos sentidos do texto, em vez da cura das inquietações, dessa forma a leitura meditativa perdeu seu espaço. Talvez, com o passar do tempo, possa voltar a ganhar importância, principalmente, depois de tantos problemas de ordem psicológicas enfrentados nos dias atuais.

Outro tipo de leitura apresentada pelo autor é a leitura para crianças antes de dormir. Essa prática é muito importante, pois possibilita interação entre pais e filhos, desenvolve o emocional, ajuda no letramento, fortalece o gosto pela leitura, além de possibilitar o aprimoramento do vocabulário. Bamberger (1986, p. 71) também ressalta a importância dos pais no incentivo à leitura ao afirmar que:

através da educação dos pais (noites de palestras, televisão, livros especiais, conversa com os professores etc.), estes aprendem a reconhecer que o ensino da leitura começa no primeiro ano de vida da criança.

Além disso, o momento do primeiro contato com o livro é muito importante que desde pequenas, as crianças já comecem a manuseá-lo, mas para isso, é fundamental que os pais tenham consciência dessa importância. Do mesmo modo, que os professores, os pais precisam ser modelos para os filhos, isto é, se eles não gostam de ler, dificilmente conseguirão influenciar os filhos a serem bons leitores.

Orlandi (2006) apresenta três afirmações sobre a leitura que devem ser discutidas: a primeira, está relacionada ao pedagogismo, com propostas técnicas para resolverem as questões de leitura, objetivando melhorar os resultados nas avaliações externas, deixando o caráter sócio-histórico. Muitas escolas estão preocupadas com os resultados das avaliações externas, pois elas treinam os alunos para que realizem os exames de forma proficiente, esquecendo de formar o aluno para que obtenha bom desempenho fora da escola também.

A personalidade do professor e, principalmente, seus hábitos de leitura são essenciais para promover o hábito de leitura dos alunos. Outro fator importante é a

formação desse professor, em virtude de muitos cursos superiores não possibilitarem a formação de leitores, nem ensinarem como formá-los, não usam estratégia para desenvolver esse hábito. Conforme estudo feito por Silva (2016, p. 23):

um dos maiores desafios de um curso de licenciatura é sem dúvida a urgência de uma formação que repense uma nova educação básica, ou seja, que forme um professor para modificar o ensino e não para ser um mero repetidor de padrões e de métodos anacrônicos.

A segunda afirmação apresentada por Orlandi (2006) sobre leitura está relacionada à diferença de classes sociais na sua afinidade com a escola e a leitura. Com a dominação burguesa ocorrem processos de interpenetração das classes dominadas promovendo confrontos e diferenças, com a finalidade de demonstrar que detêm maior poder. Dessa forma, ocorre a supervalorização do discurso/conhecimento da classe dominante, sendo menosprezados os outros conhecimentos. Nessa perspectiva, as escolas passam a ensinar uma leitura semelhante as das classes médias, tentando homogeneizar o processo. A autora aponta uma alternativa para que não ocorra esse reducionismo, “(...)deve-se procurar uma forma de leitura que permita ao aluno trabalhar sua própria história de leituras, assim como a história das leituras dos textos e a história da sua relação com a escola e com o conhecimento legítimo” (ORLANDI, 2006, p. 37).

Na escola, existe um modelo de leitura para ser seguido, influenciado pelos críticos. Com a criação do livro didático, os educadores diminuíram sua autonomia na ministração das aulas. Agora na preparação de suas aulas, o professor utiliza como instrumento o livro didático e a leitura ideal proposta por ele. Dessa forma, as respostas e interpretações apresentadas no livro são tidas, muitas vezes, como as únicas corretas, permanecendo, assim, a autoridade do autor do livro didático.

A terceira afirmação é sobre o que é leitura. A autora apresenta primeiro o conceito na visão da linguística imanente: “a leitura como decodificação e se proporem técnicas que derivassem do conhecimento linguístico e estrito” (ORLANDI, 2006, p. 37). Na visão da análise do discurso, assumida pela autora, esta seria outra forma de reducionismo. Uma visão contrária a esse reducionismo, seria abordar o texto não como produto, mas analisar os mecanismos usados em sua produção, seus significados. Nesse viés, a leitura teria uma outra concepção: “(...) é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que é nele que se desencadeia o processo de significação” (ORLANDI, 2006, p. 38).

O modo como é trabalhada a leitura na escola tem acarretado aos indivíduos algumas consequências. Muitos alunos saem da escola sem saber compreender um texto longo ou mais complexo. Sabem apenas decodificar, dizer o que o autor disse, não conseguem fazer uma leitura mais profunda. Assim, mudanças na forma de abordagem da leitura são necessárias, para que se consiga formar leitores.

Como sabemos, a desigualdade ainda está presente na esfera educacional. Todavia, por meio da leitura, é possível superá-la, conforme sugere Bamberg (1986, p. 11):

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.

Para compreensão de um texto é preciso conhecimento prévio. Primeiro, faz-se necessário o uso dos conhecimentos linguísticos, pois sem o conhecimento do código linguístico, o leitor não entenderá a mensagem. Assim, a falta do conhecimento de alguns conceitos dificultará a compreensão total de um texto. É necessário conhecer os vários tipos de textos, quanto mais conhecê-los mais fácil será a compreensão deles. Na verdade, o leitor precisa conhecer as estruturas dos textos, os tipos de discursos, pois suas expectativas em relação aos textos são importantes para que seja feita uma boa interpretação.

Os conhecimentos parciais “que temos na memória sobre assunto situações, eventos típicos de nossa cultura é chamado de esquema” (KLEIMAN, 2007, p. 23). Em várias situações de comunicação, esses esquemas são utilizados para que possamos realizar uma boa comunicação. Nem todas as informações precisam ser ditas para que o outro compreenda a mensagem, pois existem informações que foram internalizadas anteriormente. Os esquemas possibilitam a economia na comunicação, pois são trazidos conhecimentos que foram aprendidos, anterior ao momento de comunicação, não sendo necessário repeti-los.

Já para Iser ( *apud* COLOMER, 2003, p. 96), o leitor para compreender o texto usa o que ele denomina de “repertório”, ou seja, “a partir de uma imagem da realidade junto com ‘estratégias’ que são usadas tanto pelo leitor como pelo autor na produção do texto”. Portanto, “repertório e estratégias constituiriam, pois, a base funcional na qual se

desenvolve o ato da leitura” (COLOMER, 2003, p. 96). Esse é um ponto de vista baseado na teoria da recepção que coincide também com a visão da psicolinguística.

A nomenclatura usada pelos dois autores é diferente, mas se refere ao mesmo processo. Nessas perspectivas, o conhecimento prévio e o conhecimento de mundo são essenciais para que o leitor consiga inferir todas as informações do texto, usando os itens lexicais no texto, realizando essas ações de forma natural, quando alcança a proficiência. Conforme afirma Kleiman (2007, p. 26):

O conhecimento linguístico, o conhecimento textual, o conhecimento de mundo devem ser ativados durante a leitura para poder chegar ao momento da compreensão, momento esse que passa despercebido, em que as partes discretas se juntam para fazer um significado.

Outro aspecto apresentado é que “todo leitor tem sua história de leitura” (ORLANDI, 2006, p.43). E essas leituras influenciam no modo como o leitor compreende e interpreta os novos textos.

Nesse viés defendido pela estudiosa, as leituras feitas de um texto, juntamente com as leituras realizadas pelo leitor, e o contexto histórico-social formam as histórias das leituras. Nessa perspectiva, a escola juntamente com os professores, precisa mudar as formas de produções de leitura dos alunos, promovendo o protagonismo e ao mesmo tempo possibilitando a intertextualidade com outros textos lidos, construindo assim suas histórias de leituras.

Nessa perspectiva de que a leitura tem sua história, podemos assegurar que há interpretações previstas para determinadas leituras, entretanto, nem sempre acontecem como o esperado, pois sempre podem ocorrer novas leituras de um mesmo texto. De acordo com a autora, essa previsibilidade está relacionada a vários elementos; ela indica dois: “1. Os sentidos têm sua história, isto é, há sedimentação de sentimentos, segundo as condições de produção da linguagem. 2. Um texto tem relação com outros textos (a intertextualidade)” (ORLANDI, 2006, p. 42). Dessa forma, os sentidos do texto estão relacionados com a funcionalidade, com os contextos de sua utilização.

Pesquisas sobre leitura é um ramo novo para a ciência. Bamberg (1986, p. 9) ressalta sobre o “direito de ler” que para ele “significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir.” Ele também enfatiza que “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade” (BAMBERG, 1986, p. 10).

Nesse sentido, deve-se perguntar: qual a imagem de leitor que a escola forma? Este foi um questionamento levantado por Orlandi (2006). A escola privilegia um tipo de linguagem, a verbal, desenvolvendo estratégias de aprimoramento da escrita, trabalhando poucas vezes com a oralidade. Dessa forma, esse aluno-leitor convive somente com a linguagem verbal e no interior da escola, sendo as metodologias propostas neste fundamento. Entretanto, muitos professores, estudiosos e atualizados, começaram a desenvolver estratégias de ensino usando outros tipos de linguagem com que os alunos interagem fora do contexto escolar.

Com relação à linguagem, os conhecimentos trazidos pelos alunos, muitas vezes, não fazem parte dos recursos usados para o processo de aprendizagem, a escola, em sua autoridade, apresenta os conhecimentos que os alunos precisam dominar, como se eles não soubessem de nada. Para Orlandi (2006, p. 40):

[...] às diferentes formas de linguagem que constituem o universo simbólico desse aluno, seria interessante que, ao invés de ser uma relação suposta e recusada, ela fosse o ponto de partida, a fonte de hipóteses para estimular e fazer avançar o processo do aprendiz.

Desse modo, as instituições de ensino precisam começar pelos conhecimentos trazidos pelos educandos, para depois aprofundá-los.

Outras linguagens, como a música, artes plásticas, cinema, história em quadrinhos, fotografia, dentre outras, poderiam ajudar na inserção no mundo simbólico, o que não é feito, muitas vezes pela escola. Portanto para a compreensão, além da decodificação, as várias linguagem influenciam esse processo, pois, o aluno utiliza os conhecimentos adquiridos por meio de suas experiências e influência de sua cultura. Para Paiva (2005, p. 179) “a insistência na denominação ‘outras linguagens’ deve-se ao fato de que sujeitos envolvidos com a pesquisa dessas temáticas estão, o tempo todo, enfatizando ou tentando demarcar a ‘sua linguagem’ específica.”

A autora elenca várias dissertações que abordam a pesquisa sobre as outras linguagens, além da linguagem escrita, privilegiada pela academia. A natureza desses objetos de pesquisa, sua relação com o fenômeno educativo e, conseqüentemente, a inserção deles no meio acadêmico fazem com que essas pesquisas tenham um componente inaugural. Essas pesquisas procuram saber como as várias linguagens podem colaborar para a formação humana.

A estudiosa afirma ser preciso abandonar a posição teórico-metodológica única, pois “não é possível uma verdadeira aliança entre diferentes linguagens a não ser pela via da transdisciplinaridade generosa e solidária, nunca perdendo de vista as infinitas possibilidades sinestésicas sugeridas por um texto literário” (PAIVA, 2005, p. 184). Em conformidade com as teorias e pesquisas apresentadas, é preciso mudar a maneira de trabalhar a leitura na sala de aula, principalmente, para formar o leitor literário. Cabe à escola, conforme Orientações Curriculares Nacionais (2006, p. 69), desenvolver práticas que possibilitem aos alunos:

[...] formar para o gosto literário, conhecer a tradição literária local e oferecer instrumentos para uma penetração mais aguda nas obras tradicionalmente objetivos da escola em relação à literatura – decerto supõem percorrer o arco que vai do leitor vítima ao leitor crítico. Tais objetivos são, portanto, inteiramente pertinentes e inquestionáveis, mas questionados devem ser os métodos que têm sido utilizados para esses fins.

Nesta ótica, fica claro os objetivos relacionados à literatura, o problema está relacionado aos métodos utilizados para alcançá-los. Muitas das metodologias são arcaicas, não correspondem às necessidades atuais. Por essa razão, precisamos desenvolver o letramento literário nas nossas instituições de ensino, tema do próximo subtópico.

## **2.2 Letramento, letramento literário e multiletramentos**

O termo “letramento” passou a ser usado no meio científico há pouco tempo e vem sendo estudado por inúmeros pesquisadores, na tentativa de conceituarem e mostrarem sua importância. Segundo Soares (2012), uma das primeiras ocorrências da palavra letramento foi no livro de Mary Kato, *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986). Todavia, somente no livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso* (1988), de Leda Verdiani Tfouni, o léxico letramento foi utilizado nos campos da Educação e das Ciências Linguísticas de forma técnica.

Uma nova palavra surge influenciada pelas transformações sociais, econômicas, culturais e políticas, com a finalidade de nomear novos fenômenos. É o caso do termo letramento, um novo fenômeno que precisava ser nomeado, chamou a atenção de pesquisadores e estudiosos, acarretando certos problemas de conceituação e mensuração.

Este termo tem sua origem na palavra da língua inglesa “*literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo *-cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser.” (SOARES, 2012, p.17). Tendo como significado “o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever” (SOARES, 2012, p.17).

Entretanto, é preciso diferenciar letramento e alfabetização, pois, mesmo essas palavras estando interligada, seus significados são diferentes. Ao passo que alfabetizar significa ensinar a ler e escrever, decodificando as letras e os sons, letramento tem um significado mais abrangente, pois envolve as funções sociais da escrita e da leitura. Os dois métodos são necessários, porém o ideal seria alfabetizar letrando.

Segundo a estudiosa (2012, p.15): “Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita [...]. A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas.” Nesse ponto de vista, alfabetizar letrando significa direcionar a criança durante o processo de obtenção da leitura e da escrita, sendo necessária a utilização de práticas reais, com gêneros diversificados, além de estimular a reflexão sobre os materiais escritos usados socialmente e que podem criar um ambiente rico em aprendizagem.

Observamos que a definição de letramento de forma objetiva e concisa é algo difícil, sobretudo porque muitos conceitos são complexos de serem elaborados diante da grandeza do fenômeno, e porque letramento envolve uma grande quantidade de conhecimentos, habilidades, usos e funções sendo complicado atribuir-lhe uma única definição.

Kleiman (1995) salienta que o conceito de letramento inicialmente era usado pelas instituições de ensino como meio de introduzir os sujeitos no mundo da escrita, não sendo relacionado como prática social. Segundo a autora, letramento envolve as práticas discursivas de um determinado grupo social, sua interação oral, além das atividades comuns de leitura e de escrita. Nessa ótica, o letramento está diretamente relacionado às práticas sociais que transcorrem a escrita:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua

como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes (KLEIMAN, 1995, p. 20).

Portanto, compreendemos que o letramento transpassa as ações cotidianas dos indivíduos, ou seja, está manifesto nos eventos familiares, quando os membros da família deixam um recado ou bilhete, pode ser de natureza religiosa, quando se faz a leitura da Bíblia ou outro manual litúrgico, no local de trabalho, quando assina livro de ponto ou outros documentos. Nessa perspectiva, notamos o letramento presente em qualquer evento de práticas sociais nas quais aconteça a interação entre os sujeitos com a escrita. Não sendo algo restrito a escola, mas esta tem priorizado trabalhar com um tipo de letramento: a alfabetização.

Para Soares (2012), são muitas as definições para letramento, sendo às vezes contraditórias. Dependendo da dimensão assumida o conceito muda, sendo as dimensões, principais, a individual e a social. Na individual, o sujeito apropria-se e faz uso das tecnologias apreendidas através da leitura e da escrita de forma pessoal. Na social, este processo está relacionado a cultural que engloba um “conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita, e de exigências sociais de uso da língua escrita” (SOARES, 2012, p.66).

Reconhecemos que o conceito de letramento abrange vários fatores e conhecimentos individuais, ideologias, práticas sociais, sendo difícil uma única definição. Para Scribner (*apud* SOARES, 2012, p. 81), seria conveniente separar “desagregar” seus diversos níveis em três diferentes estágios: no primeiro, letramento como instrumento; no segundo, a aquisição do letramento, as aptidões para escrever e ler; no terceiro, “a aplicação prática dessas habilidades em atividades significativas para o aprendiz.” Outra forma de “desagregar”, é usar o termo qualificado, principalmente, em países desenvolvidos, empregado adjetivo como: adequado, inadequado, básico, crítico, funcional, integral, dentre outros.

Existe uma outra forma de “desagregar” o letramento, seria usar o termo no plural, conforme argumentam seus autores, Street (1984), Wagner (1986) e Lankshear (1987), para eles existem diferentes tipos de letramentos que envolvem, diferentes linguagens e múltiplos níveis de conhecimentos e habilidades, em vez de um único letramento, no singular. Em conformidade com autores citados anteriormente, Rojo (2016, p. 6) assegura que:

esse é um conceito que foi evoluindo e pode ter milhares de nomes: letramento; tipos e níveis de letramento; letramentos, no plural; práticas de letramento, depois multiletramento; e, mais recentemente, novos letramentos.

Dessa forma, observamos a evolução do termo com o passar dos anos, a autora (2016) apresenta também letramentos diferentes do ensinado na escola, sendo alguns completamente ignorados e desvalorizados. Como por exemplo, o *internetês* ou *bloguês*, muito usado pelos jovens, mas a escola não valoriza seu uso por apresentar desvios gramaticais. Sendo que o *internetês* é uma linguagem adaptada para ser rápida no gênero digital onde circula. Soares (2012, p.112) conclui que:

(...) o letramento é uma variável contínua e não discreta ou dicotômica: refere-se a uma multiplicidade de habilidades de leitura e de escrita, que devem ser aplicadas a uma ampla variedade de materiais de leitura e escrita; compreende diferentes práticas que dependem da natureza, estrutura e aspirações de determinada sociedade.

Segundo Terra (2020), existem controvérsias sobre o conceito de letramento. Para alguns teóricos e pesquisadores, ele é um fenômeno social e político, para outros, mesmo considerando esses aspectos, veem-no como um fenômeno linguístico. Dependendo do objetivo de estudo, outro conceito também pode ser formado, de modo que ele ainda pode “significar uma prática discursiva que está relacionada ao papel que ocupa a escrita em diferentes comunidades, grupos e classes sociais” (TERRA, 2020, p.31).

Um outro estudioso sobre letramento é Marcuschi. Para ele “letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita” (MARCUSCHI, 2007, p. 25). Nessa ótica, todos os eventos que envolvem a leitura e a escrita são consideradas práticas de letramentos, dessa forma, se uma pessoa consegue usá-las pode ser considerado letrado. Assim, uma pessoa pode ser analfabeta e ao mesmo tempo ser letrada. Um exemplo seria o caso do indivíduo que sabe ditar um bilhete, seguindo as regras de escrita, reconhece placas e ônibus que são necessários para sua locomoção pelas ruas. O oposto também pode ocorrer: uma pessoa pode ser alfabetizada e ao mesmo tempo não ser letrada, pois não consegue se posicionar perante os textos lidos, não interpreta nem escreve com proficiência. Para Kleiman (2005) as práticas sociais constituem o letramento, assim, se

um indivíduo reconhece e faz uso da leitura e da escrita nessas práticas, mesmo não sendo alfabetizado, ele será considerado letrado.

De fato, a sociedade moderna expõe as pessoas a uma variedade de gêneros textuais constituídos de uma multiplicidade de linguagens em uma verdadeira semiose que as desafia a todo momento, enquanto leitores e produtores. Portanto, estão sempre participando de práticas ou eventos de letramento, usando a modalidade oral e escrita da língua, em diferentes situações sociais, dessa forma são desenvolvidos os níveis de letramento dos indivíduos. Em conformidade com Kleiman (2005), Rojo (2009, p.11) afirma: “As práticas sociais de letramento que exercemos nos diferentes contextos de nossas vidas vão constituindo nossos níveis de alfabetização ou de desenvolvimento de leitura e de escrita; dentre elas as práticas escolares.”

As práticas sociais estão relacionadas a um contexto, os gêneros textuais utilizados são adequados a situação de comunicação. Contudo, Kleiman (2005) alerta para a forma como são abordados os gêneros textuais na escola. Ela assegura que as práticas de letramento que trabalham com gêneros textuais, advindos das instituições sociais, são apresentados, muitas das vezes, de forma descontextualizadas para os alunos. Isto pode acarretar alguns problemas para eles, pois não conseguirão compreender como usar de forma eficaz esses gêneros nas práticas sociocomunicativas. Em muitos casos, as atividades sugeridas estão relacionadas apenas à reprodução da forma linguística, sendo necessário rever tais práticas.

Na realidade, o professor de língua materna precisa sistematizar as práticas de linguagem de maneira que possibilite o aumento do domínio dos gêneros. Assim, segundo Lemke (*apud* ROJO, 2012) os letramentos que ensinamos são em conformidade com algum gênero, com suas características, o contexto de produção, onde vão ser publicados. Nessa ótica, todas essas características devem ser consideradas na produção de um determinado gênero, assim podemos ser letrados no gênero crônica e não ser em uma pesquisa científica. O autor também afirma que:

O texto [escrito] pode ou não ser a espinha dorsal de uma obra multimídia. O que realmente precisamos ensinar, e entender antes de poder ensinar, é como diferentes letramentos, diversas tradições culturais combinam essas diferentes modalidades semióticas para produzir significados que são mais do que a somatória do que cada uma delas pode significar em separado (*apud* ROJO, 2012, p. 22).

Neste particular, faz-se necessário que a instituição escolar prepare a população para a um mundo cada vez mais digital e que saiba se posicionar no *cyberespaço*, respeitando as diferenças e tendo sua própria identidade. Dessa forma, salientamos que a escola precisa reconhecer que os alunos são nativos digitais, sendo construtores de uma nova linguagem. Por esse motivo, o Grupo de Nova Londres, em 1996, defendeu a pedagogia dos multiletramentos. Eles ressaltam que os nossos alunos convivem, desde cedo, com as novas tecnologias, crescem em meio a computadores, celulares, brinquedos digitais, televisão e *videogame*. Nós, professores, devemos pensar como as novas tecnologias podem ser usadas como instrumentos no processo de ensino-aprendizagem?

Primeiro, precisamos entender o que é multiletramentos. Para tanto, seu conceito aponta para dois tipos de multiplicidade. Conforme apresenta Rojo (2012, p. 13):

O conceito de multiletramento – é bom enfatizar- aponta para dois tipos específicos e importante de multiplicidade presente em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informe se comunica.

Destarte, essa multiplicidade envolve várias culturas, a junção do conhecimento dos povos e a criação de algo híbrido. Dessa forma, os textos podem ser produzidos usando várias linguagens, sendo necessário, muitas das vezes, capacidade de compreensão e produção de cada uma delas, ou seja, multiletramentos, para que seja possível dar significado. Ressaltamos, também, sua diferença de letramentos múltiplos, este assinala para “a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral” (ROJO, 2012, p.13).

Na realidade, conceituar algo é difícil, mas os estudiosos sobre os multiletramentos são unânimes em relação as suas características:

(a) eles são interativos; mais que isso, colaborativo; ( b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas) (ROJO, 2012, p 23).

Nessa óptica, entendemos multiletramento como algo que ultrapassa a simples produção de um texto, envolve vários conhecimentos, as novas tecnologias são as principais ferramentas para essas novas produções, podendo ser utilizado de uma só vez, letras, imagens, sons, vídeo, dentre outros. Por esse motivo, produzir um texto

multissemiótico envolve muitas linguagens em um mesmo texto, exige não só o letramento da letra, mas o funcionamento dos outros mecanismos de construção de textos usando mídias digitais.

Nessa perspectiva, precisamos também destacar o letramento digital. As tecnologias digitais de informação e comunicação estão presentes em nosso meio, por este motivo, devemos saber usá-las e aplicar esse saber aos conhecimentos produzidos. Dessa maneira, conseguiremos o letramento digital e a inclusão digital. Para Lévy (1999, p. 17) o letramento digital é:

um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço, como sendo um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores.

Na realidade, encontramos muitos desafios que ainda precisam ser superados, com relação ao acesso as novas tecnologias. Ressaltamos que muitas pessoas ainda não sabem usar as TICs (Tecnologias da informação e comunicação), ou tem um conhecimento superficial. Sendo necessária a implementação de novas metodologias para superar essas dificuldades, a escola tem um papel decisivo nessa questão, pois por meio dela, as pessoas podem desenvolver tanto o letramento da letra como o digital, dentre vários outros, importantes para a vida em sociedade.

Nessa óptica, precisamos ressaltar que existem outros empecilhos para o letramento digital, para que alguém consiga usar a internet de forma eficiente, além do computador ou celular, ele precisa primeiro ter o letramento da letra, saber escolher links, entender as relações intertextuais, respeitar o outro, dentre outros conhecimentos.

Um outro empecilho, está relacionado ao papel do professor, o qual encontra algumas dificuldades relacionadas aos usos das novas tecnologias, se não domina as TICs, como poderá usá-las em suas aulas? Como promoverá a inclusão digital e o letramento digital? Essas são algumas indagações que precisamos fazer sobre as práticas de ensino da atualidade.

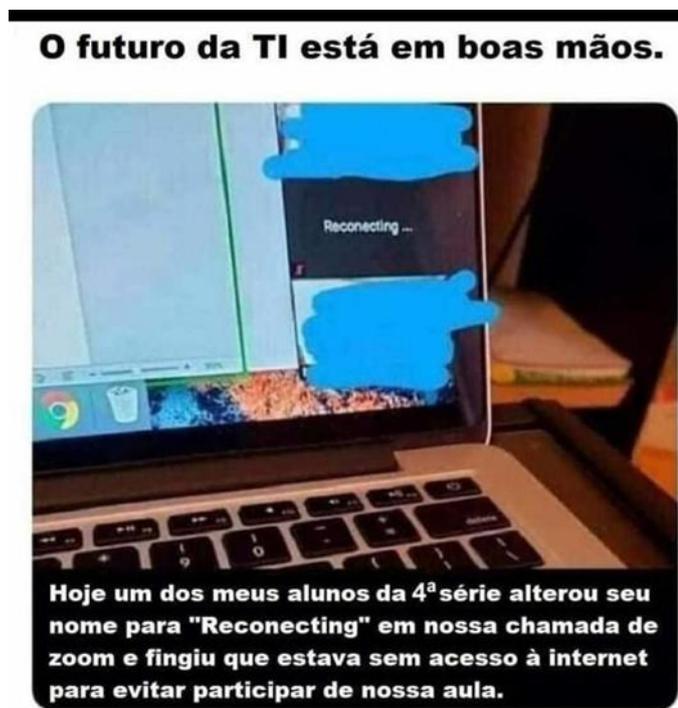
Muitas escolas já estão equipadas com computadores e internet, entretanto, muitos professores não sabem como usar essas ferramentas no processo ensino-aprendizagem. Para Fernandes (*apud* CEARÁ, 2011) os estudos relacionados a atuação dos professores na era digital, apontam que eles precisam passar por formações e que

tenham tempo para estudo no trabalho, para troca de experiências, desenvolvendo suas práticas através da partilha.

Esta capacitação é fundamental para a realização de um trabalho adequado no contexto tecnológico atual, sobretudo porque muitos dos nossos alunos são nativos digitais e, por isso, utilizam muito bem as novas tecnologias, mesmo que nunca tenham frequentado um curso de informática – estes, na verdade, caíram em desuso para os jovens, os quais vem dando cada vez mais preferência aos tutoriais – que são vídeos explicando como fazer algo – disponíveis no *Youtube*. Além disso, os alunos na faixa etária do Ensino Fundamental II, por exemplo, são curiosos para saber como manusear as ferramentas digitais e com um celular, acessam e descobrem o que precisam aprender nos tutoriais no *Youtube*.

Nesse sentido, podemos dizer que algumas crianças e jovens possuem uma espécie de autodidaxia no quesito tecnologia, ou seja, eles conseguem, facilmente, acompanhar os avanços tecnológicos, diferentemente dos adultos, acarretando um grande desafio para o campo da educação. Por tais razões, precisamos estar atentos sobre como eles estão usando essas informações, a fim de ajudá-los na produção de conhecimento e promover o letramento digital. A seguir, ponderaremos sobre uma figurinha que circulou nas redes sócias relacionada a TI (tecnologia da informação):

Figura 1- O futuro da TI está em boas mãos



Fonte: <https://ahseeit.com/portuguese/?qa=18418/o-futuro-da-ti-est%C3%A1-em-boas-m%C3%A3os-meme>

A figura acima nos faz refletir sobre como os alunos tentam usar seus conhecimentos sobre tecnologia para se auto beneficiar, e muitas vezes se aproveitam que os professores não possuem o mesmo domínio que eles nesse campo. Por esta razão, precisamos trabalhar esse assunto nas nossas escolas, para que os educandos compreendam que as invenções tecnológicas devem ser usadas de forma responsável.

Nesse sentido, a escola como principal agência de letramento, deve rever algumas de suas práticas, para que seus objetivos sejam alcançados, apresentando diversos gêneros textuais e formas de letramento, dentre eles, é importante destacar o literário. Para Cosson (2007, p. 12) o letramento literário pode ser entendido da seguinte maneira:

O letramento literário [...] possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária [...] o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade.

Nesse viés, a importância desse letramento é enfatizada, pois além do domínio da escrita, facilita sua utilização nas diversas formas de interação social. Por esse motivo, deve ser trabalhado na escola, ressaltando que ele pode acontecer em outros processos de letramento.

Dessa forma, a importância da leitura (literária) na vida das pessoas, não pode ser esquecida, pois, por meio dela o indivíduo aprende a se posicionar na sociedade, formar sua opinião e compreender a si mesmo (ZILBERMAN, 2005). Por meio do texto ficcional é desenvolvida a imaginação, sendo o mundo imaginário usado para vivenciar acontecimentos que na realidade não seria possível, além de ajudar a resolver problemas do cotidiano, baseados na experiência e na imaginação criativa desenvolvida.

Nessa óptica, Candido (2011) compara o mundo dos sonhos com o mundo literário, afirmando ser este de grande importância para a vida das pessoas e que não é possível fugir do “universo fabuloso”, equiparando os dois processos psicológicos como sendo, também, responsáveis pelo equilíbrio, como observa-se no seguinte excerto: “A literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2011, p. 177).

Nesta perspectiva, o texto literário possui vários sentidos que passam a significar quando lido, possibilitando uma gama de interpretações, considerando as experiências e vivências do leitor. Dessa forma, o letramento literário trabalhado em sala de aula, possibilita mediar a construção dos sentidos, levando os alunos a indagarem o que o texto diz, como, para que, quando e para quem, cujas respostas configurarão um contexto e inserirão a obra em um diálogo com outros textos.

Em conformidade com o exposto, Cosson (2007, p. 17) assegura que o letramento literário precisa ser realizado, pois possibilita várias experiências para quem tem um contato com a literatura, além de ter um papel único na linguagem: “[...] tornar o mundo compreensível transformado a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”. Todavia, é preciso não confundir “tornar o mundo compreensível” com um compromisso de fidelidade ao real. A literatura também “desrealiza” a realidade, conforme salienta Cosson (2007). Há a literatura do maravilhoso, do insólito, do fantástico, do gótico, da psicologia profunda, etc, que são formas de deformar, negar e/ou oferecer uma visão particular do real.

A vista disso, as escolas precisam estar cientes que o principal objetivo do letramento literário é formar “um leitor capaz de se inserir em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive” (COSSON, 2011, p. 106). Acreditamos que a formação do leitor literário pode ser realizada por meio do letramento em estudo, desde que as atividades realizadas sejam adequadas. Por meio das experiências de leituras, os educandos podem viver outras vidas e se posicionarem no mundo à sua frente. Para tanto, o educador e a escola precisam estar preparados para desenvolver o seu papel, o qual é muito relevante para o letramento.

Mediante o exposto, precisamos enfatizar o quão relevante é o papel do professor, seus conhecimentos e hábitos de leituras são fundamentais para que consiga formar um bom leitor. Portanto, atividades bem planejadas, indicações adequadas de leituras, favorecerão o alcance dos objetivos da literatura na vida das pessoas. Por esses motivos, apresentamos o letramento literário como estratégia eficiente para melhorar o ensino de literatura. Um meio para promovê-lo seria o trabalho com ficção científica.

A revista norte-americana *Amazing Stories* foi a primeira a ser totalmente dedicada a este gênero. Seu editor, Hugo Gernsback, não queria apenas produzir histórias espaciais ou extraordinárias, cheias de aventuras e mistério, mas também contribuir para

formação de uma sociedade melhor, pois era ciente do papel que este gênero desempenhava na formação dos leitores. Conforme escreveu seus editoriais:

A ficção científica não só é uma ideia de tremenda importância, mas também é um fator importante para se fazer do mundo um lugar melhor para se viver, ao educar o público para as possibilidades da ciência e a influência da ciência na vida. (...) Se cada homem, mulher, rapaz e moça, pudesse ser induzido a ler ficção científica de imediato, certamente haveria um grande resultado positivo à comunidade. (...) A ficção científica faria as pessoas mais felizes, lhes dando um entendimento mais amplo do mundo, fazendo-as mais tolerantes. (GERNSBACK, *cf* ROBERTS, 2000, p.68; tradução nossa).

Nessa perspectiva, percebemos como a ficção científica desempenha um papel importante em nossas vidas, pois possibilita a aquisição de novos conhecimentos e desenvolve a nossa visão de mundo. Dessa forma, a união desse gênero com o letramento literário permitirá um trabalho com literatura de forma atraente. Assim, precisamos analisar, também, as metodologias e estudos relacionados ao ensino de literatura, esse é o tema do nosso próximo item.

### **2.3 Panorama histórico do ensino de literatura**

A literatura tradicionalmente costuma ser chamada de belas letras ou beletrística, por trabalhar com o belo, manipulando as palavras de tal forma, que podemos compará-la a um quadro pintado, só que o escritor, em vez de usar tintas, usa as palavras, misturando, modificando, muitas vezes, seus significados. A impressão do artista sobre a realidade desperta sentimentos variados, causa fascínio em seus apreciadores, os quais se interessam em desvendar os seus mistérios.

O estudioso de literatura visa essencialmente o conhecimento e a análise do texto literário, considerando a sua realidade material, mais a sua história, época e condições em que foi escrito, e a sua realidade íntima, o significado. Os conhecimentos externos são importantes para o entendimento da obra literária, pois eles a influenciam.

É notória a importância da literatura nas nossas vidas, principalmente, para formação de leitores críticos. Entretanto, encontramos muitos problemas para conseguir formar estes leitores. O papel da escola é de suma importância, pois é nela que a maioria das pessoas têm contato com a literatura. Faz-se necessária a elaboração de um bom projeto para conseguir os objetivos propostos.

A relação mantida entre literatura e ensino é muito antiga conforme Cosson (2010). No Egito antigo, por exemplo, o ensino dos escribas era feito utilizando os textos literários, os quais eram ditados ou copiados. Entre os gregos, a formação moral e política do cidadão era desenvolvida por meio dos poemas homéricos, as tragédias e as comédias. Ainda na antiguidade, os romanos também faziam uso da literatura para aprimorar a oratória e a retórica dos jovens que desempenhariam uma vida pública.

Na verdade, o texto literário proporciona uma forma agradável de aprender, principalmente, no ensino de idiomas, desde o latim, o grego até às línguas modernas. Cosson (2010, p.56) assegura que “durante muito tempo, o espaço da literatura na sala de aula era o mesmo do ensino da leitura e da escrita e da formação cultural do aluno”. Desta forma, os alunos desenvolviam muito mais que a simples habilidade de leitura, mas também o domínio da língua culta e o diálogo com o passado e o presente. Dessarte, conforme Cosson (2010), a literatura era a matéria que formava os elos da corrente entre sociedade, escola e língua, ou seja, a formação humanista. Entretanto, precisamos salientar que o texto literário era empregado com duas finalidades que não a estética: aprender a escrever e a dominar a retórica.

No Brasil, segundo Cabral (2008), o ensino de literatura tem sua raiz no Brasil Colônia, século XVI, com o ensino dos jesuítas, a literatura era ligada à arte da eloquência, considerada forma de status, oriunda da cultura Europeia. Muitas das práticas antigas permanecem até hoje, outras ações foram influenciadas pelas pesquisas. Os clássicos literários eram privilegiados no ensino de literatura, por conterem uma linguagem erudita, dessa maneira os alunos aprimoraram sua linguagem através da leitura dos clássicos.

Algo que vem sendo debatido ao longo dos últimos séculos é o conceito de clássico. Para Calvino (2004, p. 10), “dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado”. Nesta perspectiva, os clássicos são importantes por apresentarem elementos que precisam ser transmitidos. Outro conceito apresentado por Calvino (2004, p.11) é “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Este é um conceito muito interessante, pois mostra o quanto um clássico tem a ensinar, nos comunicar, a cada leitura podemos aprender algo novo, observar elementos que tinham passados despercebidos na primeira leitura, igual não podemos “tomar banho duas vezes no mesmo rio”, não podemos ler e reler um clássico da mesma forma. É importante salientar que não podemos só trabalhar com a

literatura clássica, o contato dos alunos com a literatura contemporânea também é necessário, e o melhor seria se tivessem o encontro com obras de sua região.

No século XVIII, com a reforma do ensino, ocorre a valorização do nacional. Depois da saída dos jesuítas, os alunos não eram mais formados para a igreja e o ensino público passa a ser responsabilidade do Estado. No século XIX, o ensino de literatura ocorria nas escolas secundárias com a finalidade de preparar os alunos para os exames de admissão nas universidades de Direito e Medicina. Os currículos eram elaborados centrados nos conteúdos que os educandos deviam saber para obterem êxito.

Quando as classes menos favorecidas passaram a ter acesso a escola, tivemos uma “Crise na leitura”, pois esses alunos não tinham conhecimento de obras literárias, não tinham contato com os livros, devido suas famílias não possuírem condições de adquiri-los.

No Brasil, a partir da década de 1980 aumentaram as denúncias da “crise da educação”, com a implementação da democracia, vários seguimentos da sociedade, inclusive professores, reivindicavam melhorias para toda a sociedade, dentre as reivindicações, procuravam construir uma educação democrática. Por esta razão, programas governamentais foram criados na tentativa de superar as crises. Depois de décadas, ainda não conseguimos superar a “crise da leitura”, várias pesquisas científicas estão sendo realizadas na busca das causas da falta do hábito de leitura, além de buscar possíveis soluções para esse problema.

Todavia, o espaço dado a literatura dentro da sala de aula mudou ao longo do tempo, a formação humanista cedeu lugar para a tecnicista e a científica. Os meios de comunicação em massa redefiniram os padrões culturais, a leitura e literatura não desempenhavam mais o papel social. Além disso, a expansão do ensino e heterogeneidade dos alunos fizeram com que o modo tradicional de ensino mudasse, passando a utilizar paradigmas predominantemente linguísticos. Durante algum tempo, as obras literárias eram usadas como forma de deleite, simples fruição, e não como objeto de ensino.

Entretanto, a leitura pura e simples, foi cedendo espaço para uma compreensão mais bem elaborada da relação entre ensino e literatura. Para tanto, foi necessário que vários pesquisadores e educadores destacassem a importância da leitura literária na formação do leitor, para tanto, faz-se necessário o trabalho adequado com o texto literário realizado pela escola. Em revistas, livros, congressos, seminários e em pesquisas de pós-graduação, suas vozes sempre foram usadas para defender a educação e o letramento literário.

As pesquisas na área da educação têm várias temáticas, dentre elas, os problemas oriundos do ensino de literatura. Sendo tema de discussão e objetos de pesquisa por pesquisadores da área dos estudos literários, ocasionando a produção de vários estudos sistemáticos. Um importante pesquisador da área é Rildo Cosson. Segundo esse autor (2007, p. 23) “estamos adiante da falência do ensino da literatura.” O autor adverte que a literatura “não está sendo ensinada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (COSSON, 2007, p. 23). Ele também defende que um dos problemas do ensino de literatura está relacionado à concepção de literatura no ensino fundamental e no ensino médio.

Para ele, no ensino fundamental, a literatura absorve uma variedade de textos, que na realidade não deveriam ser assim classificados. Pois, para um texto ser considerado literário, ele precisa de outras características, além da ficção ou da poesia. Portanto, a escola deve observar a linguagem e a temática na escolha dos textos trabalhados, os quais devem ser do interesse da criança e não só da instituição de ensino.

A maioria das interpretações de textos realizadas são as trazidas pelo livro didático, que na grande maioria só apresenta trechos ou adaptações de obras, e, raramente, são pedidas leituras extraclasse, mas quando solicitadas são cobradas fichas de leituras, que muitas vezes, são apenas resumo do livro. Outro ponto importante apresentado, é a substituição dos textos literários por textos jornalísticos, com:

o argumento de que o texto literário não seria adequado como material de leitura ou modelo de escrita escolar, pois a literatura já não serve como parâmetro nem para a língua padrão, nem para a formação do leitor, conforme parecer de certos linguistas (COSSON, 2007, p. 21).

Nessa perspectiva, a escolha dos textos lidos nas instituições de ensino não pode privilegiar alguns gêneros textuais, é importante que seja ofertado uma variedade de possibilidades de leitura e dentre elas, merece destaque os textos literários. Antigamente, os contos de fadas eram mais usados no ensino fundamental, conquistado, assim, o gosto das crianças. Hoje, muitos fatores têm interferido na formação do hábito leitor, nesse processo a mídia, a informática e outros desenhos têm ocupado mais espaço. Outro problema, que encontramos, são os livros presentes nas bibliotecas escolares, muitos são adaptações, para a linguagem em quadrinhos, de grandes obras literárias, ou edições condensadas, sendo distribuídas pelos programas do ministério da educação, conforme ressalta Cosson (2007).

No ensino médio, o ensino de literatura aborda a literatura brasileira, às vezes, a portuguesa, mas esse ensino é mais sobre a história da literatura, estilos de época, características de produção, principais autores e suas biografias e obras. Os textos literários aparecem fragmentados, servindo muitas vezes para comprovar as características apresentadas anteriormente. Quando o professor resolve mudar as estratégias, muitas vezes, não escolhe o uso dos clássicos, por considerar uma linguagem difícil e pouco atrativos para os alunos de hoje, como analisa Cosson (2007).

Atualmente, como forma de reconhecer a importância da literatura, seu ensino se tornou obrigatório no ensino médio, mas muitos professores destinam apenas uma aula por semana, ou deixam para o final do semestre, quando terminam o conteúdo de português. Dessa forma, as estratégias usadas por alguns professores, no tocante ao trabalho com obras literárias de forma integral, muitas vezes, só são solicitados resumos ou feito um debate, o que não possibilita a promoção do letramento literário.

Outra forma equivocada de estudar uma obra é buscar somente compreendê-la e explicá-la a partir das condições de sua época, como se tratasse de algo já concluído ou inteiramente acabado, pois sabemos que à medida que passa o tempo as palavras ganham novos sentidos ou mudam de sentido e contribuem para que a obra se enriqueça de novos significados e até mesmo supere aquilo que era na época em que foi criada. Dessa forma, o texto não é objeto pronto e acabado, mas é justamente por existirem variadas condições de produção de leitura que ele permite fazer uma nova leitura, com o passar do tempo, possibilitando uma reflexão e comparação com a nossa realidade.

Bakhtin (2003, p. 366) defende isso quando escreveu:

O que acabamos de dizer não autoriza a deduzir que se possa, de algum modo, ignorar a época contemporânea do escritor, que se possa devolver sua obra ao passado ou então projetá-la ao futuro. [...] Uma obra literária, como já dissemos, revela-se principalmente através de uma diferenciação efetuada dentro da totalidade cultural da época que a vê nascer, mas nada permite encerrá-la nessa época: a plenitude de seu sentido se revela tão-somente na grande temporalidade. Tampouco se deve encerrar em si mesma a cultura de uma época, por mais afastada que esteja no tempo, como se tratasse de algo concluído, inteiramente acabado e irreversivelmente afastado no passado, morto.

Considerando o texto como algo incompleto, apreendemos que o seu sentido resulta de uma situação discursiva. Por isso, os espaços precisam ser preenchidos, muitas vezes por partes de outros textos, as leituras realizadas, anteriormente, permitem um diálogo entre as obras, denominado de intertextualidade.

Mediante o exposto, precisamos observar o trabalho dos professores, pois muitos utilizam o mesmo método de ensino durante anos, e por estarem acomodados, não buscam rever seu trabalho pedagógico. Alguns, na tentativa de inovar, utilizam, por exemplo, utilizam os textos literários na sua aula de gramática como forma de apreender este estudo da linguagem, sem que esses textos sejam anteriormente ou em seguida analisados e interpretados, deixando de atribuir-lhes o seu real valor artístico. Entretanto, necessitamos reconhecer que muitos professores desempenham um excelente trabalho na formação de leitores literários.

Além disso, reconhecemos que são vários os fatores que dificultam o ensino, como por exemplo, o material didático que muitas vezes é inadequado, pois não são adaptados à realidade do aluno. Sendo apresentados fragmentos de textos, resumos de obras e biografias de autores, dessa forma a leitura é limitada, não podendo apresentar seu pensamento crítico. As atividades, que provavelmente servem para avaliar o nível de compreensão de determinadas obras, têm por foco a fixação de ideias ou interpretação limitada das mesmas, sendo apreendido somente o que é solicitado pelas questões. Entretanto, reconhecemos que apesar dos problemas encontrados no livro didático, ele é muito importante no processo de ensino-aprendizagem. Outro problema está relacionado à distribuição das aulas, uma vez que a literatura não dispõe de tempo para desenvolver atividades complexas, uma vez que o número de aulas é dividido com outras disciplinas, e até mesmo com a gramática.

Bamberg (1986) salienta a importância do reconhecimento da leitura e dos livros, por parte das autoridades, do estado, da comunidade, da escola, todos os professores, pais e pedagogos. Só assim poderá melhorar a situação da leitura e o hábito de ler além de colocar para os alunos essa importância.

Historicamente, o acesso a livros e à leitura era privilégio de poucos, sendo necessária a criação de políticas públicas, para amenizar esse distanciamento. Através de algumas pesquisas históricas Vargas (2015, p. 39-40) apresenta alguns programas governamentais para promoção do livro e da leitura no Brasil:

o Programa Nacional Salas de Leitura (1984-1987), o Proler (1992 - ainda em vigência), o Pró-leitura na formação do professor 40 (1992-1996), o Programa Nacional Biblioteca do Professor (1994), o Programa Nacional do Livro Didático (1985 - ainda em vigência) e o

Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE<sup>1</sup> (1997 - ainda em vigência).

Os programas e projetos governamentais são fundamentais para a promoção da leitura. Somente através da formação dos professores, agentes de leitura, juntamente com um bom acervo, as escolas poderão transformar a realidade de seus alunos e promover a formação do leitor.

A nossa sociedade é multifacetada, cheia de traços de diferentes culturas, crenças, diferentes condições econômicas, por crenças religiosas plurais e outros fatores. Nesse contexto, cabe enfatizar a literatura como bem cultural e fundamental para a formação de leitores. Além disso, é preciso observar como é trabalhada a literatura juvenil nas escolas, se ocorre a representatividade dos diferentes grupos sociais, para que as obras possam ser significativas na vida dos alunos.

A criação do PNBE (Programa Nacional Biblioteca na Escola) possibilitou o acesso da comunidade escolar e não escolar a novos conhecimentos e à cultura, diante de uma variedade de obras, as quais podem ser de referência para formação de professores e obras da literatura em geral. As obras escritas no programa passam por uma avaliação de especialistas em leitura, literatura, profissionais do ensino e do Ministério da Educação. Depois, são disponibilizadas as listas com obras selecionadas para o programa, devendo as escolas escolherem aquelas que mais se adequam a sua realidade.

Ao longo dos anos, o governo tem desenvolvido projetos e documentos, como a BNCC (2017), que orienta e articula ações voltadas para a promoção da leitura, tendo como objetivo ampliar o letramento, que começou na Educação Infantil e na família, por meio de estratégias de leituras compartilhadas e autônomas, abrangendo diferentes gêneros textuais. Ressaltamos que para esse documento a leitura vai além do texto escrito, incluindo imagens estáticas (figuras, pinturas) ou em movimento (vídeos, filmes) e o som (músicas), que podem ter como suporte meios impressos ou digitais.

Atualmente, podemos perceber que o processo de ensino apresenta muitas melhorias, motivadas por pesquisas na área da educação, como por exemplo, a linguagem utilizada nos livros didáticos, a qual faz referência à linguagem falada dos alunos, com vistas a possibilitá-los, sujeitos em formação, uma nova perspectiva de leitura. Além disso, os municípios têm oferecido para professores formação relacionada à leitura,

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que o PNBE foi extinto em 2017.

principalmente, a formação de leitores, com a finalidade de fazer o professor compreender o processo de leitura.

Nessa nova era tecnológica em que vivemos, é importante parar e fazer uma autoanálise das práticas pedagógicas executadas em sala de aula, já que o intuito é fazer o aluno não perder o interesse pela leitura e escrita dos diversos gêneros textuais. Veiga e Melo (2016), em pesquisa sobre os *Desafios do professor diante das Tecnologias de Informação e Comunicação* afirmam que viver em meados em que a educação é marcada por mudanças e avanços tecnológicos acarretando para o professor incertezas e novos desafios que por sua vez levam-no a se comprometer e refletir sobre essa temática:

O contexto emergente promove e provoca o encontro entre educação e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), suscitando processo formativo e atualização do professor para que possa aliar as novas tecnologias em sua prática na sala de aula (VEIGA; MELO, 2016, p. 106).

Diante do exposto, estamos cercados pelas novas tecnologias, sendo necessário que os professores utilizem-nas em sua prática docente. Entretanto, muitas vezes não sabemos como usa-las, para tanto faz-se necessário a formação dos professores, no tocante as TICs. O professor quer ter uma melhor formação, estar mais preparado para atender o aluno moderno, que já nasceu na era digital, tendo contato desde cedo com as TICs, no entanto, escassez de recursos, muitas vezes, impede esse alcance. Com a pandemia do Coronavírus muitos profissionais tiveram que se adaptar a uma nova forma de trabalho e, principalmente, de ensino. Com a finalidade de ajudar os docentes, o governo do estado do Ceará ofereceu cursos relacionados ao uso das tecnologias como ferramenta de ensino.

A escola tem como objetivo formar os alunos, desenvolver suas habilidades e preparar para o mercado de trabalho. Com o avanço tecnológico, muitas pessoas estão sem empregos, entretanto, o motivo não é a substituição do homem pela máquina, mas a falta de preparo. Não basta saber manusear a tecnologia, precisa ir além, ser criativo, inovador, e é nesse ponto que se faz necessário o ensino de base, um ensino que possibilite ao aluno desenvolver seu pensamento, seu senso crítico e sua criatividade de forma adequada e ética, inclusive no mundo virtual.

Freitas (2005) realiza um estudo sobre a leitura, escrita e literatura na internet, e ressalta que muitas mudanças aconteceram, e que elas ajudam e otimizam o tempo de pesquisa, pois ao entrar em programas de buscas da internet, rapidamente, encontramos

vários sites sobre o assunto pesquisado, diminuindo o tempo de pesquisa em bibliotecas ou livrarias. Quando usamos a internet, estamos constantemente lendo e produzindo textos, logo, se bem trabalhada em sala de aula, as novas tecnologias só enriquecem e facilitam o trabalho do professor. Conforme ressalta a BNCC (2017, p. 68):

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer um a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc.

Portanto, as instituições de ensino precisam elaborar novas estratégias, para que consigam promover um ensino de qualidade e desenvolvam nos alunos habilidades para se posicionarem na sociedade e no mundo globalizado. Por este motivo, as TICs precisam estar presentes no contexto escolar. Dessa forma, o trabalho com textos multimidiáticos e multissemióticos realizados pelos professores, despertará mais o interesse dos alunos.

Atualmente, ocorreram mudanças na maneira de ensinar, pois estamos diante do ensino remoto emergencial (ERI, sigla em inglês) ocasionado pela pandemia de Covid-19. Diante deste contexto, unidades escolares tiveram que suspender as aulas presenciais para evitar aglomerações e o contágio pelo vírus. Os professores tiveram que se adaptar a uma nova rotina, sem tempo de preparação, não tivemos formação para ensinar dessa forma.

Porém, professores e alunos tiveram que se adaptar, rapidamente, a uma nova forma de ensino, a qual nem é a distância, nem presencial, pois as instituições, profissionais e estudantes não estavam preparados para essa nova realidade. Os alunos receberam um compilado de materiais, com conteúdos e exercícios, mas na maioria das vezes não sabem como proceder, para que tenham um bom aproveitamento. Professores, rapidamente, transformaram-se em *Youtubers* e precisaram se adaptar a esta nova realidade, conciliando seu trabalho e a família, além das cobranças recebidas.

O uso das tecnologias faz-se necessário no atual cenário educacional; o celular, que antes era considerado “um vilão” por atrapalhar a concentração e a aprendizagem dos alunos, agora é a principal ferramenta para o ensino remoto, como podemos observar na seguinte charge, retirada do Facebook, a qual retrata a mudança no uso do celular, por

exemplo, no contexto escolar. Antes, proibido (em 2019) na sala de aula, agora (2020), não é permitido que se vá à escola, deve-se ficar em casa e estudar pelo celular:

Figura 2 – Charge com o Tom



Fonte: página da Profa. Dra. Kyria Finardi no Facebook<sup>2</sup>.

Depois desse tempo de pandemia, é interessante levar para a sala de aula a ficção científica, porque muitos alunos viveram um contexto de aulas *online*, vídeo aula, aula por vídeo chamada. Sendo tema para criação de charges que circularam nas redes sociais, *facebook*, *instagram* e *whatsapp*, selecionamos uma que foi muito criativa, pois relembrou o desenho “Os Jetsons” (1962):

Figura 3- Os Jetson



Fonte: <https://gramho.com/media/2298736704990067911> . Acesso em: 13 jul. 2020

<sup>2</sup> Disponível em:

<https://m.facebook.com/photo.php?fbid=10158349585239044&id=813339043&set=a.10151058488549044&source=48> Acesso em: 13 mai. 2020.

Uma reportagem muito interessante foi publicada pelo Tilt, um canal de tecnologia do UOL, escrita por Raphael Evangelista (2020), abordando o clássico desenho animado “Os Jetsons,” lançado em 1962. O desenho mostrava como seria a vida de uma família no futuro, apresentando possíveis tecnologias para o século XXI. A reportagem apresenta 12 previsões acertadas pelos Jetsons, como por exemplo, *Smartwatch*, chamadas de vídeo, despertadores por comando de voz, robô que limpa a casa, *tablet*, esteiras rolantes, TVs de tela plana, câmaras de bronzeamento artificial, assistente pessoal, dentre outros; algumas tecnologias não estão iguais às apresentadas no desenho, mas talvez num futuro próximo.

Mediante o exposto, observa-se que o trabalho com ficção científica em sala de aula é muito relevante no cenário atual, pois os alunos estão acostumados com esse tema em *videogame*, filmes e *best-sellers*. A literatura de ficção científica pode ser trabalhada em várias disciplinas, como física, ciência, história, português, inglês. O professor pode trabalhar a interdisciplinaridade que o gênero pode proporcionar.

Muitas pesquisas foram realizadas sobre maneiras de ensinar usando a ficção científica. Um artigo publicado por Dias e Andrade (2019) sobre o ensino de literatura com ficção científica nas aulas de língua inglesa mostra quanto significativo será para os alunos trabalharem com este gênero, pois além de mostrar as mudanças na sociedade causadas pelo progresso da ciência, proporciona o letramento literário. Concluem dizendo que “o imprescindível caráter interdisciplinar da escola é justamente integrar na sala de aula diferentes conteúdos, para que a aprendizagem seja significativa e colaborativa” (DIAS e ANDRADE, 2019, p. 308).

Neste cenário, é importante salientar que no edital do *Programa Nacional do Livro e do Material Didático*, PNLD, (2020) que está em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular, BNCC, (2017), sugere que as obras didáticas e literárias contemplem, na categoria 2 (8º e 9º ano), os seguintes temas: “Cultura digital no cotidiano do adolescente; Conflitos da adolescência; Encontros com a diferença; Sociedade, política e cidadania; Diálogos com a história e a filosofia; Ficção científica, mistério e fantasia e Outros temas” (BRASIL, 2020, p.5).

Em conformidade com tais documentos, a ficção científica é um tema sugerido, reforçando a ideia de trabalhar com esse gênero proposto por esta dissertação, com o intuito de promover o letramento literário. Ateberry (*apud* MIRANDA, 2018, p.25) pondera sobre a ficção científica da seguinte forma:

O que distingue a ficção científica de outros tipos de ficção é um comprometimento peculiar entre verdade e inverdade científica. Samuel Delany analisou este comprometimento em termos da subjuntividade do texto de ficção científica. O que ele quer dizer com este termo é o grau em que toda declaração na ficção descreve uma condição hipotética: algo que não está acontecendo, não aconteceu, não poderia ter acontecido no passado (diferente da ficção realista), mas poderia acontecer, dadas as devidas mudanças na sociedade e no conhecimento científico. Outra expressão para subjuntividade é “ifness”, o estado de ser contingente.

Nesse viés, entendemos que o gênero em estudo aborda questões relacionadas a fatos que poderão acontecer, ou não, em nossa sociedade em um futuro próximo. Possibilita um questionamento dos comportamentos humanos, bem como uma avaliação da nossa sociedade, seus valores morais, além do poder e influência da ciência em nossas vidas. Atualmente, esse gênero tem ganhado muitos adeptos, principalmente pelo público jovem, pois gostam dos filmes que pertencem a esse gênero. Logo, os professores podem aliar esses filmes para trabalhar determinados conteúdos em suas aulas, podendo ser utilizados não só pelos professores de língua portuguesa, mas também de ciências, física, história, dentre outros.

Ademais, encontramos a ficção científica em *videogames*, séries de TV e *Best Sellers*, os quais estão acessíveis à maioria das pessoas. Portanto, propomos um trabalho partindo de algo que já é de conhecimento dos alunos, para depois expandir seus conhecimentos para os textos literários.

Analisando alguns livros didáticos encontramos obras de ficção científicas, tais como: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, *Frankenstein*, de Mary Shelley, *Viagem ao centro da Terra*, de Julio Verne, *O caçador de androides*, do estadunidense Philip K. Dick, *Uma semana na vida de Fernando Alonso Filho*, do escritor fluminense Jorge Luiz Calife, *O segundo doutor: a cidade sem nome*, de Michael Scott, *O homem bicentenário*, de Isaac Asimov considerado um dos maiores escritores de ficção científica da história. Nas obras do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) 2020 literário encontramos *Fahrenheit 451*, de Ray Douglas Bradbury, *A Vida no Céu - Romance para jovens e outros sonhadores*, escrito por José Eduardo Agualusa, *Mensagem para você*, escrita por Ana Maria Machado, *As Aventuras de Mark Twain e Tom*, de Eduardo Vetillo, 2083 do autor Vicente Muñoz Puelles, *A casa à beira do abismo*, de William Hope Hodgson, *Árvore: os três caminhos*, de autoria de Janaina Muhringer Tokitaka, *As crônicas marcianas*, de Ray Bradbury, *Contos Tradicionais Do Brasil Para Jovens*, de Luís da Câmara Cascudo, *Júnior e os biscoitos de zumbis*, autoria Fernando Antonio

Pires, *O cidadão incomum*, de Pedro Ivo Barbosa, *O código de Camões*, escrita por Beto Junqueira, *O jardim de Lácabus*, de Helena Gomes, dentre outras.

Este subgênero da literatura apresenta algumas vertentes, como: a da ciência, a das viagens espaciais, da tecnologia, viagens no tempo, dentre outras. As obras podem apresentar um desses viés, podendo ser analisadas à luz das teorias críticas do póscolonial, feminista, filosófica, entre outras. Dependendo da maturidade e do conhecimento do alunado é que escolhemos a perspectiva para debatermos sobre a obra.

Fausto Cunha faz uma declaração interessante sobre literatura de ficção científica (*apud* LEONARDO, 2007, p. 22):

Na verdade, a ficção-científica só é literariamente válida, enquanto pertença ao universo da linguagem e da poesia e signifique uma medida da criatura humana. A ficção-científica, de fato, é mais literatura do que ciência.

Ela é, portanto, atraente para o público-alvo, isto é, para alunos do Ensino Fundamental, sobretudo nestes tempos de pandemia e excessivo uso de tecnologias no dia-a-dia.

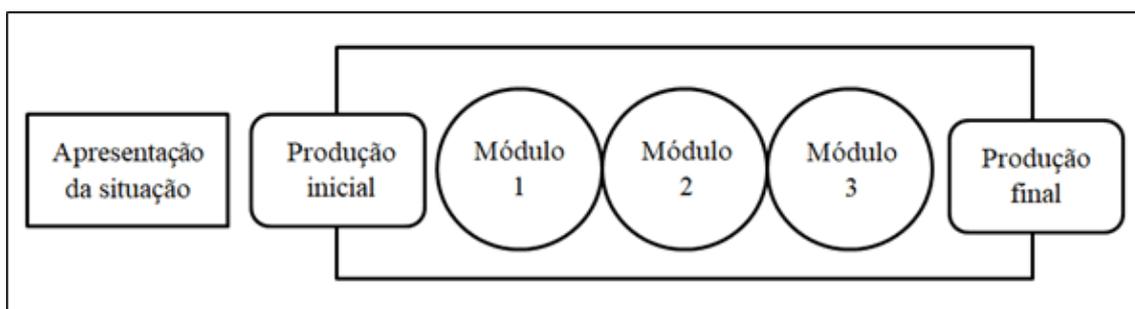
### 3. Proposta de intervenção para o 9º ano

#### 3.1 Sequência didática

Na obra *Gêneros orais e escritos na escola* de Schneuwly, Doly e colaboradores (2004) abordam a importância de se desenvolver atividades relacionadas aos gêneros orais e escritos, pois diariamente fazemos usos deles. Tais autores ressaltam, também que, dependendo do contexto de produção fazemos adaptações, sendo que existem características que são comuns, a determinados gêneros, por esse motivo, a escola precisa trabalhar com esta temática, para que os alunos consigam aprender e/ou aprimorar a utilização dos gêneros textuais em diferentes práticas de comunicação. Portanto, um trabalho com sequências didáticas seria uma estratégia eficiente, pois servem para que os alunos tenham acesso a práticas de linguagens novas ou de difícil domínio.

Para Schneuwly, Doly e colaboradores (2004, p. 82), “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” Nessa perspectiva, entendemos a sequência didática como ações que devem ser planejadas de forma sistemática, para serem desenvolvidas com o objetivo de melhorar determinadas práticas de linguagens. Os autores em estudo apresentam a estrutura base de uma sequência didática, conforme esquema abaixo:

Figura 4- Esquema da Sequência Didática



Fonte: Schneuwly, Doly e colaboradores (2004, p.83).

Na apresentação da situação, o professor deve apresentar de forma detalhada qual a comunicação oral ou escrita que será trabalhada, os alunos realizarão a primeira produção do gênero escolhido. A partir do texto inicial, o professor planejará as próximas etapas, denominadas de módulos, os problemas e as características que devem ser enfatizados para aprimorar os conhecimentos sobre o gênero em estudo. A quantidade de

módulos é definida pelo professor, dependendo da turma e do assunto escolhido. Por último, a produção final, nessa etapa os alunos podem demonstrar os conhecimentos adquiridos durante a realização da sequência, e o professor também pode avaliar de forma somativa.

Uma outra estudiosa sobre esse assunto é Oliveira (2013). Segundo ela a origem da sequência didática ocorreu na França no início da década de 80, possuindo como objetivo melhorar o ensino da língua materna. Aqui no Brasil, só começou a ser trabalhada depois da criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) na década de 90, sendo utilizada também para o ensino do idioma materno, através do estudo dos textos, por meio dos gêneros discursivos. Atualmente, várias áreas do conhecimento já utilizam essa prática no processo ensino-aprendizagem.

A autora em estudo apresenta o seguinte conceito para sequência didática:

É um procedimento simples que compreende um conjunto de atividades conectadas entre si, e prescinde de um planejamento para delimitação de cada etapa e/ou atividade para trabalhar os conteúdos disciplinares de forma integrada para uma melhor dinâmica no processo ensino-aprendizagem (OLIVEIRA, 2013, p.39).

Nessa ótica, o trabalho com sequência didática é algo simples, mas que precisa ser bem planejado, para conseguir alcançar os objetivos propostos e possibilitar uma interação entre alunos e professores. Dessa forma, seria feita uma sistematização do ensino, a autora ressalta a importância da participação dos alunos no decorrer da sequência, desde as etapas iniciais de planejamento até a final de avaliação.

Ao longo dos anos, várias sequências foram aplicadas e estudadas pela autora, a mesma atesta sua eficácia e apresenta uma sequência didática interativa (SDI). Para essa técnica o professor ou coordenador escolhe o tema a ser trabalhado e pede para que os alunos escrevam o seu conceito sobre o tema em estudo, dessa forma o trabalho parte dos conhecimentos já adquiridos pelos participantes desse processo. Depois, é feita a apresentação teórica do tema, sendo fundamentada em teorias científicas; a próxima etapa é a realização de atividades para aperfeiçoamento dos conhecimentos sobre a temática em estudo. No final é proposto uma produção sobre o novo saber adquirido, que pode ser um texto, artigo, seminário, dentre outros.

Depois de abordamos alguns modelos e conceitos de sequência didática, apresentaremos o modelo escolhido para esta proposta. Com o objetivo de promovermos o letramento literário, seguiremos o modelo de Cosson (2007), ressaltamos que esse é

exclusivo para o trabalho com o texto literário, contendo a seguinte estrutura: motivação, introdução, leitura e interpretação.

### **3.2. Sequência básica: uma proposta de aplicação**

Conforme dito, esta pesquisa diz respeito à produção de uma sequência didática com obras literárias de ficção científica, segundo o molde apresentado por Cosson (2007), indicada para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Ela se justifica por servir de auxílio ao professor como sugestão para se trabalhar literatura de modo atraente para os alunos, pois o trabalho apropriado com a literatura tanto possibilita benefícios emocionais quanto intelectuais. Nessa perspectiva, buscamos demonstrar como a literatura de ficção científica pode ser um importante instrumento para o ensino de literatura e, conseqüentemente, um incentivo ao hábito leitor.

É importante destacar que existem algumas definições desse gênero, como a de Mann (*apud* CARDOSO, 2006, p.18); ele avalia a ficção científica da seguinte maneira:

A ficção científica é uma forma de literatura fantástica que tenta retratar, em termos racionais e realistas, tempos futuros e ambientes que diferem dos nossos. No entanto, mostra estar consciente das preocupações dos tempos em que é escrita e provê um comentário implícito sobre a sociedade contemporânea, explorando os efeitos, materiais e psicológicos, que qualquer tecnologia nova pode ter sobre ela. Quaisquer mudanças que tiverem lugar na sociedade enfocada, e também quaisquer acontecimentos futuros que forem extrapolados, deverão basear-se em uma teoria, científica ou não, encarada em forma comedida e considerada. Os autores de ficção científica usam seus ambientes estranhos e imaginativos como um campo de prova para novas ideias, examinando em forma plena as implicações de qualquer noção que propuserem.

Portanto, a ficção científica é um gênero que possibilita a reflexão sobre questões da sociedade, não é apenas um gênero que trata do futuro, mas tem como objetivo alertar sobre possíveis problemas que podem surgir na sociedade. É com base neste gênero, interdisciplinar em sua essência, que propomos trabalhar o letramento literário, por meio de uma sequência didática, visando oferecer aos alunos diversas perspectivas para a variedade de nichos deste gênero, cada um com seus tipos de enredos, heróis, personagens, espaços, dentre outros.

Na nova era tecnológica contemporânea, é importante que o professor pare e faça uma autoanálise acerca das práticas pedagógicas executadas em sala de aula, visto que o intuito dele é fazer o aluno não perder o interesse pela leitura e escrita dos diversos gêneros textuais. A BNCC (2017) orienta a importância de incluir, na prática docente, as novas tecnologias e formas de linguagens que facilitam e transformam as maneiras de expressão e comunicação.

Com base na BNCC (2017), escola e professores precisam realizar atividades que possibilitem o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos alunos, e novas ferramentas tecnológicas devem estar presentes no contexto escolar. Os textos multimidiáticos e multissemióticos precisam ser inseridos e trabalhados pelos professores na escola, pois fazem parte do cotidiano da maioria dos educandos. Nessa ótica, concordamos que ao aliarmos essas ferramentas à ficção científica, alcançamos alguns dos objetivos da escola, de formar leitores e desenvolver o indivíduo. É importante salientar que as atividades desenvolvidas devem ser bem planejadas.

Essa sequência visa o letramento literário, justificando teoricamente, temos o conceito apresentado por Cosson (2007, p. 23): “[...] o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.” Nesse sentido, os métodos utilizados para esse letramento precisam ser estudados e debatidos, para conseguirmos atingir os objetivos pretendidos enquanto professores. Dessa forma, seria possível desenvolver um leitor capaz de apresentar sua opinião nos diversos momentos de comunicação. Isto deverá ocorrer quando se abordar, de maneira adequada, as características do objeto literário: a linguagem estilística, os diferentes gêneros, os diálogos, entre outros. Estes fatores são essenciais para que o leitor domine os mais diversos discursos, utilizando o texto literário como forma de aprimoramento e aprendizagem. Conforme Cosson (2007, p. 30):

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito ou porque seja prazeroso, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Nessa ótica, o letramento literário tem como base o texto literário e, além de desenvolver as habilidades linguísticas, possibilita ao aluno um modo próprio de viver o

mundo, além de formar o leitor. Neste sentido, as experiências literárias possibilitam ao aluno aprender sobre a vida por meio das experiências do outro, além de poder vivenciá-las através do texto lido. Por esta razão, é inquestionável a relevância da literatura para se desenvolver a quota de humanidade, eis por que ela deve ter um papel importante nas instituições de ensino.

Nessa perspectiva, apresentamos uma proposta pedagógica com vista à promoção do letramento literário, através de uma sequência didática para o 9º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, temos letramento literário como base desta investigação, a fim de propor uma proposta de intervenção que visa propiciar aos alunos um encontro com a literatura, por se constatar que a escola é o local onde devemos privilegiar o texto literário e seu estudo, notadamente na disciplina de Língua Portuguesa.

### **1º MOMENTO: MOTIVAÇÃO**

**TEMPO APROXIMADO: 1 H/A**

#### **OBJETIVOS:**

Discutir o conceito de ficção científica, suas características e elementos para desenvolvimento de habilidades de reconhecimento de gênero;

Instigar a leitura de textos na perspectiva de gêneros textuais de circulação social, a fim de ampliar o repertório linguístico e a proficiência leitora.

A motivação, segundo Cosson (2007, p. 77), “consiste em uma atividade de preparação e de introdução dos alunos no universo do livro a ser lido”. Esse momento é fundamental para aguçar a curiosidade e despertar o entusiasmo pela leitura da obra estudada.

Muitos professores podem ter dúvidas do que fazer para motivar os alunos para a leitura. Segundo Solé (1998, p. 43), “uma atividade de leitura será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que tem que ler e, naturalmente, se a tarefa em si corresponde a um objetivo”. Nessa perspectiva, o professor pode encontrar dificuldades, devido a heterogeneidade de seus alunos, uma vez que cada um possui diferentes gostos. Entretanto, como ressalta Solé (1998, p. 43):

não devemos nos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar.

Para tanto, cabe ao professor despertar a curiosidade dos alunos para a obra que será lida. Nesta sequência, sugerimos a apresentação do vídeo “O que é ficção científica (Parte 6): Condensado da Literatura” disponível no youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=IPiW9RtzA88>). Nele é apresentado um resumo sobre a história da ficção científica, suas vertentes e evoluções, além de apresentar obras literárias deste gênero. Depois de passar o vídeo, o professor fará a sondagem dos alunos sobre o tema em estudo, através das seguintes perguntas: quem conhecia esse subgênero? Quais filmes já assistiram sobre esta temática? Quais livros já leram? No mundo da ficção científica, o que você desejaria inventar? Se você pudesse criar um mundo de ficção científica, como ele seria? Em seguida, deverá apresentar outras informações e curiosidades sobre Ficção Científica. A seguir, apresentamos um quadro com informações inovadoras sobre o gênero em estudo:

#### **Atenção professor(a)!**

“No caso da ficção científica, ela pode ser vista como uma literatura de exibição (de conhecimento, de poder, etc), de auto-estima elevada (no sentido nacionalista e imperialista), sobretudo por retratar o desenvolvimento científico europeu – considerando-se aqui aquelas obras cujo foco principal é a tecnologia. São vários os seus subgêneros, tanto no universo literário quanto no cinema, os quais discutem relevantes questões para a humanidade, por meio do que pode parecer lúdico a um público infante-juvenil.

Na verdade, é comum que haja combinação de subgêneros da ficção científica, como nos exemplos que se seguem de filme e texto literário: Ecologia (Avatar, Terra das mulheres), Biologia (O incrível Hulk, Admirável mundo novo), Sobrenatural/super poderes (Superhomem, As brumas de Avalon), Universo/realidade alternativa (Star Wars, Fahrenheit 451), História alternativa (Jurassic Park), dentre outros. Com relação aos tipos de enredo, eles podem variar entre: raça perdida (O mundo perdido e Minas do Rei Salomão), último homem/mulher na terra (Último homem), robôs (Eu, robô), viagem no tempo (A máquina do tempo), viagens extraordinárias (Volta ao mundo em 80 dias), reprodução artificial (O conto da aia); tecnologia (1984), dentre outros.

Um ponto interessante a ser considerado no trabalho com ficção científica é a questão de gênero, notadamente porque as produções de autoria feminina diferem-se daquelas produzidas pela pena masculina. Terra de mulheres (1915), de Charlotte Perkins Gilman; O conto da aia (1985), de Margaret Atwood (a adaptação em série recente da Netflix popularizou esta obra entre os jovens brasileiros); Casamento entre as zonas três, quatro e cinco (1980), de Doris Lessing, expressam preocupações feministas, sobretudo em relação ao corpo da mulher, à reprodução. Elas são escritas no modo distópico, revelando ansiedades femininas no que diz respeito à liberdade. Diferente dos autores masculinos, mais interessados em aventuras e

tecnologia, a preocupação delas é com a questão de poder (no sentido de busca por autonomia e governo) e reprodução artificial (uma fuga do determinismo biológico feminino).

Um olhar feminista sobre obras de autoria masculina revela, inclusive, perspectivas falocêntricas acerca da representação feminina, como no conto “Here there be tygers,” de Ray Bradbury. Nesta obra, o autor cria “um planeta vivo, muito “feminino” – certamente “do tipo Vênus,” [...] que tenta reter os homens pondo em jogo todos os seus encantos” (HELD, 1980, p. 143)”.

Fonte: Trecho extraído de DIAS, Daise Lilian Fonseca. Os fatos no caso de m. Valdemar: a ficção científica de Edgar Allan Poe para a sala de aula. In: *Anais XI Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED*. Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://ainpgp.net/painel/wp-content/uploads/2021/01/Anais-Artigos-Cient%C3%ADficos-FIPED-Cajazeiras.pdf>. Acesso em 13/01/2021

Um outro ponto a ser considerado é a avaliação. Devido a sua relevância no processo de ensino-aprendizagem, ela deve ocorrer em vários momentos. Temos a avaliação inicial para saber quais conhecimentos os alunos já têm adquirido sobre o assunto; a avaliação somativa, que ocorre desde o início do processo, observando todos os conhecimentos adquiridos durante a atividade proposta (o todo e/ou a parte), e a avaliação formativa, que acontece durante o processo; deve-se analisar as etapas e, quando necessário, fazer adaptações/ mudanças. Apesar de ser algo comum, avaliar não é uma tarefa fácil de se realizar, eis porque muitos estudos são feitos sobre esse tema. Para Miras e Solé (*apud* SOLÉ, 1998, p. 164), avaliação é:

uma atividade mediante a qual, em função de determinados critérios, se obtêm informações pertinentes sobre um fenômeno, situação, objeto ou pessoa, emite-se um parecer sobre o objeto em questão e adota-se uma série de decisões referentes ao mesmo.

Dessa forma, a avaliação é um momento de reflexão, quando se analisa os pontos positivos e negativos dos conhecimentos adquiridos durante um determinado período, pode ser um momento de tomada de decisão. Nesta primeira etapa da sequência, a avaliação é processual, levando em consideração a participação e contribuição na discussão sobre a ficção científica.

## **2º MOMENTO: INTRODUÇÃO**

**TEMPO ESTIMADO: 1 H/A**

**OBJETIVO:**

Reconhecer e apreciar a obra literária estudada como forma de arte, explorando seus recursos estruturais e informações relevantes sobre a vida e a obra do autor.

A introdução da obra para Cosson (2007, p. 80) diz respeito a uma “simples e breve apresentação do autor e da obra,” em caso de texto canônico. Nesse momento, o professor apresentará o autor e a obra de maneira geral, contará curiosidades sobre o autor e sua obra, o contexto histórico e o porquê da obra escolhida. Caso a biblioteca da escola disponha de obras do autor, é interessante levá-las para a sala de aula, além de fotos do autor (que poderão ser retiradas da *internet*) e ilustrações do conto escolhido.

A introdução, apesar de ser uma atividade simples, necessita de alguns cuidados por parte do professor. O primeiro está relacionado com a apresentação do autor, para que não seja uma longa exposição da vida dele, pois, dessa forma, a atividade tornar-se-á cansativa. É interessante que sejam apresentadas informações básicas sobre o escritor e algumas curiosidades relacionadas à sua obra e ao texto em estudo.

Outra ação que requer cuidado é a maneira como será apresentada a obra. Nesse momento, o professor poderia apresentar o nome do conto e abrir espaço para uma leitura preditiva, em que o aluno vai imaginar o que vai ocorrer na história, levantando hipóteses sobre os fatos que se desenrolarão na trama.

Fazemos previsões em todas as situações de nossas vidas; quando vamos conhecer alguém, ao viver uma situação nova, e isso não seria diferente com a leitura. À medida que o leitor se depara com um texto, seja ele escrito ou não, muitas operações se desencadeiam na sua mente ao manter contato, por exemplo, com o título, o nome do autor; hipóteses vão sendo levantadas, informações são antecipadas, cenas, personagens, fatos são imaginados e vão-se criando expectativas sobre o conteúdo do texto que, inevitavelmente, encaminhá-lo-á a ter empatia, aceitação, familiaridade e vontade de ir buscar na fonte a confirmação ou não daquilo que ele antecipadamente escreveu na sua mente. Isso pode ocorrer durante todo o processo da leitura, uma vez que o leitor entrará em contato com os mecanismos linguísticos do texto, palavras, expressões, estruturas sintáticas, redes semânticas, além do conhecimento cultural que ele possui, os quais lhe darão pistas para antecipar ou predizer. Dessa forma, a leitura tornar-se-á mais eficiente,

uma vez que há um diálogo, uma socialização de ideias entre texto/ leitor como se fosse um jogo: “o que digo do texto” “o que o texto me diz”.

Seria importante se ter em mãos algumas perguntas para nortear esse momento, tais como as elencadas no quadro abaixo:

- Vocês acham que esta história tem algum mistério? Que mistério seria esse?
- Vocês acham que Sr. Valdemar é o vilão da história?
- Que fatos vocês acham que aconteceu com ele? São fatos que encontram correspondência com a realidade ou são de ficção científica?
- Que caso seria esse vivido por ele? É um caso de traição ou de outra natureza?

Sequencialmente, o professor deve falar sobre a obra, sua importância, devendo evitar fazer uma síntese para que não acabe com a curiosidade dos alunos. Vale lembrar que é importante apresentar a obra física para os alunos, mesmo que o texto seja disponibilizado em cópias. Caso haja uma obra para cada um, pode-se proporcionar um momento de retirada dos livros da biblioteca.

Nessa etapa, pode ser mostrada as informações contidas na capa, orelha, contracapa e prefácio. Segundo Cosson (2012, p.61) os atributos de uma boa introdução devem levar em conta “a seleção criteriosa dos elementos que serão explorados, a ênfase em determinados aspectos dos paratextos e a necessidade de deixar que o aluno faça por si próprio, até como uma possível demanda da leitura, outras inclusões na materialidade da obra”. Seguindo esses passos, o professor conseguirá atrair o interesse dos alunos para o conhecimento da obra.

Para sair do convencional, já que o autor costuma ser estudado mais pelo viés do gótico, aqui no Brasil, apresentamos abaixo um quadro com informações sobre a ficção científica do autor em estudo para auxiliar o professor.

### **Edgar Allan Poe e a Ficção Científica**

“Ora, o autor americano Edgar Allan Poe produz ficção científica que se desdobra pelos mais diversos “ramos” do que um dia viria a ser este nicho literário, tais como, a medicina, a astronomia, a distopia. Portanto, olhar para os seus contos que tratam de tais temáticas significa debater sobre questões por demais atuais para o século XXI, um mundo mergulhado em um profundo e irreversível desenvolvimento tecnológico, cujos desdobramentos têm sido notados no meio ambiente.

(...)

Edgar Allan Poe tornou-se conhecido no Brasil ainda no século XIX, com, por exemplo, a tradução do seu poema “O corvo,” marco levado a efeito por Machado de Assis, em 1883, o qual escreveu “O Alienista” e “O Cão de Lata ao Rabo,” inspirado pelas obras do americano (cf. ALVES, 2014). Na verdade, o autor é um dos favoritos do público infanto-juvenil brasileiro, de sorte que duas obras, sobretudo os contos, são presença constante nos livros didáticos de Língua Portuguesa nacionais. Esta tendência deve-se primeiramente ao fato de o gênero *conto* ser um dos preferidos para o contexto de sala de aula no Brasil, além disso, as narrativas góticas do autor são construídas de modo espetacularmente envolvente e surpreendente. Ademais:

O conto é o segundo tipo narrativo mais adaptado para o leitor infanto-juvenil brasileiro com 64 (sessenta e quatro) e 19,69% de títulos adaptados, sendo esses títulos desdobrados em 151 (cento e cinquenta e uma) e 17,12% de publicações. A temática constante nos contos também segue as vertentes já designadas. No eixo da aventura, têm-se os árabes, como, por exemplos, As mil e uma noites; policial/terror/suspense, como, por exemplo, Os assassinatos da rua Morguet, de Edgar Allan Poe; ficção científica, como, por exemplo, Cinco semanas num balão, de Julio Verne; fantástico, como, por exemplo, A chinela turca, de Machado de Assis, e O crocodilo, de Fiodor Dostoievski. Já na da não aventura tem-se as temáticas da paixão, como, por exemplo, Brincar com fogo, de Machado de Assis, e Uma paixão no deserto, de Honoré de Balzac; da crítica social, como, por exemplo, O nariz, de Nicolai Gogol; filosófica, como, por exemplo, Candido ou o otimismo, de Voltaire; satírico, como, por exemplo, O diário de Adão e Eva, de Mark Twain; niilista, como, por exemplo, O horla, de Guy de Maupassant (CARVALHO, 2009, p. 09).

Conforme a própria citação acima permite antever, Poe é mais conhecido no Brasil – e no mundo – pelas suas obras góticas (algumas delas são góticas, porém escritas pelo viés da ficção científica ou no modo utopia/distopia, já outras o são, porém, construídas pelo viés da literatura policial). Na verdade, o gótico enquanto subgênero da narrativa é anterior à ficção científica, ele tem seu início e consolidação no gosto popular no século XVIII tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, ao passo que a ficção científica, segundo o consenso entre os estudiosos, ela tem, de fato, seu início com o romance gótico *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley.

Entretanto, elementos do que um dia viriam a ser a da ficção científica estão presentes em mitos gregos da era clássica, a exemplo da conhecida história de Ícaro, que constrói asas de cera para voar até o sol, uma tecnologia rudimentar que propiciaria uma viagem interplanetária ou intergaláctica. É preciso destacar que ambos os subgêneros estão interligados, visto que a ficção científica costuma ser construída pelo modo gótico, como em *O médico e o monstro*, ou pela utopia/distopia, a exemplo de *1984*. Os contos de Poe que são predominante ficção científica são construídos exatamente assim, na intersecção com o gótico e com elementos de utopia/distopia.

Edgar Allan Poe não escreveu literatura infantil. Na verdade, seu objetivo era produzir Literatura (americana), e isto em nível canônico, uma verdadeira angústia da influência, no sentido bloomiano, visto que naquele início de século XIX, os Estados Unidos ainda careciam de uma literatura *americana* em pé de igualdade com aquela produzida na Europa, fenômeno semelhante ao ocorrido no Brasil em relação a Portugal. A opção pelo gênero gótico, por parte do autor em estudo, deu-se, naturalmente, por uma opção pessoal, mas também por ser aquele o subgênero do romance em maior ascensão no seu tempo e, por demais propício para se discutir as temáticas políticas selecionadas pelo autor, conforme mostra Dias (2017 e 2018).

Já no que diz respeito aos seus contos de ficção científica, predomina o modo gótico como viés de expressão. É interessante destacar que, dois dos seus contos se passam nos Estados Unidos (“Os fatos no caso de M. Valdemar” (1845) e “Uma história das montanhas Ragged”(1844), dois na Europa (“Hans Pfaal” (1835) e “Melonta Tauna”(1849), e dois em espaço metafísico indefinido (“O colóquio de Monos e Uma”(1841) e “Eiros e Charmion”(1839)). Considerando-

se a mentalidade (pós)colonialista do autor - ora ele reproduz perspectivas imperialistas em suas obras, ora as subverte - o espaço onde elas se passam são fundamentais para se compreender o modo como Poe entende a ciência de seu tempo e os aspectos ideológicos que estão atrelados a ela. Numa perspectiva linear, percebe-se que ele inicia sua ficção científica com um conto cujo espaço é a Europa; publica dois que se passam em espaço metafísico; aos quais se seguem dois em terras americanas, e, por fim, um que se passa na Europa.

Observando suas obras numa perspectiva cronológica, percebe-se que Poe começa sua produção científica ridicularizando figuras consagradas da ciência europeia (“Hans Pfaal”); volta-se para uma visão mais ampla sobre o fim da humanidade, graças a avanços científicos (“O colóquio de Monos e Uma”(1841) e “Eiros e Charmion”(1839)); daí, passa a mostrar os Estados Unidos como espaço onde europeus buscam tratamento médico (“Os fatos no caso de M. Valdemar” e “Uma história das montanhas Ragged”); e conclui ridicularizando a ciência europeia (“Melonta Tauna”). Este panorama revela o autor inserindo seu jovem país – uma ex-colônia britânica – no circuito científico da época, uma tradição em pleno andamento no seu país e, sobretudo, na Europa. Todavia, enquanto a ciência europeia é apresentada no campo das invenções mais atuais da época, no caso, balões, a medicina experimental parece ser apresentada como o trunfo americano – embora insuficiente. Neste caso, verifica-se o que Moretti (2003) aduz no sentido de que o espaço determina o tipo de narrativa, de sorte que onde a história se passa revela muito sobre o tipo de viés que está sendo adotado na construção dos sentidos.”

Fonte: Trecho extraído de DIAS, Daise Lilian Fonseca. Ficção científica e distopia: Contos de Edgar Allan Poe para a sala de aula. In: *Anais XI Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED*, Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://ainpgp.net/painel/wp-content/uploads/2021/01/Anais-Artigos-Cient%C3%ADficos-FIPED-Cajazeiras.pdf>. Acesso em 13/ 01/2021

Depois da realização da etapa de introdução, é o momento da leitura. Durante a leitura, considerada o centro da sequência básica, podem ser realizados intervalos. Dessa forma, o professor pode acompanhar o processo, levantando dificuldades e sanando dúvidas.

### **3º MOMENTO: LEITURA**

**TEMPO ESTIMADO: 1 H/A**

#### **HABILIDADE:**

(EF89LP33) “Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores” (BNCC, 2017, p. 187).

**OBJETIVO:**

Criar e/ou desenvolver valores, a partir do reconhecimento da obra literária como forma de conhecimento, de instrumento de reflexão, julgamento e avaliação.

Segundo Cosson (2007, p.62), “A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista”. Logo, o professor deve estar atento à leitura dos alunos e disponível para auxiliá-los nas dificuldades apresentadas. Dependendo da extensão da obra, a leitura deve ser feita extraclasse, em ambiente propício como a sala de leitura ou em casa. Para tanto, o docente precisa estabelecer prazos com a turma, podendo ser realizados intervalos de leituras para discutir a obra e sanar eventuais dúvidas.

É inquestionável a relevância que a leitura possui para cada indivíduo, seja por possibilitar a comunicação, desenvolver o aspecto cognitivo ou como momento de deleite. Através dela temos a formação social, conhecemos sobre cultura, e aprimoramos nosso senso crítico. Assim, ler não diz respeito apenas à decodificação dos signos linguísticos, pois aqui entendemos que “A leitura deve ser considerada no seu aspecto mais consequente, que não é o de mera decodificação, mas o da compreensão” (ORLANDI, 2006, p. 38).

Na verdade, a leitura diz respeito aos sentidos construídos pelo leitor, o qual precisa compreender o texto e decifrar a realidade, mesmo que a partir da ficção ou de um mundo feito só de palavras. Ela deverá estar presente durante toda a vida, proporcionando experiências, as quais podem ser reais ou apenas imaginárias, e vários outros conhecimentos.

Através de nossas leituras, criamos nossa identidade literária. Para Rouxel (2013, p. 70):

a noção de identidade literária supõe, pois, uma espécie de equivalência entre si e os textos: textos de que gosto, que me representam, que metaforicamente falam de mim, que me fizeram ser o que sou, que dizem aquilo que eu gostaria de dizer, que me revelaram a mim mesmo.

Nessa perspectiva, as leituras literárias que fazemos ao longo de nossas vidas são aperfeiçoadas e, ao mesmo tempo, vamos nos conhecendo. Podemos reler uma obra, mas a leitura que fazemos não será a mesma, porque não somos mais os mesmos.

De fato, as leituras que tomamos, nos possibilitam acesso às informações, bem como a um contexto social. Portanto, é adequado pensar que a escola, à medida que traz a informação sobre diferentes gêneros textuais para o aluno, também possibilitará que ele reflita em torno dessa informação, além de adquirir um código, maior número de palavras, maturação de palavras. Esse leitor também será capaz de pensar e adquirir, através da reflexão, conhecimentos sobre o texto e seu contexto, conforme Geraldi (2008, p. 99):

A qualidade (profundidade?) do mergulho de um leitor num texto depende - e muito - de seus mergulhos anteriores. A quantidade ainda pode gerar qualidade. Parece-me que deveremos - enquanto professores - propiciar um maior número de leituras, ainda que a interlocução que nosso aluno faça hoje com o texto esteja aquém daquela que almejaríamos: afinal, quem é o leitor, ele ou nós?

Por conseguinte, pensemos que um aluno só é capaz de caminhar na leitura e sua compreensão a partir do que ele reconhece anteriormente. Há uma sequência didática que possibilitará construir e vincular o ponto anterior à um subsequente, então uma leitura em quadrinhos, por exemplo, será mais fácil de compreender-se quando o leitor ainda não tem uma certa maturidade, diferentemente de quando ele é adulto e já tem lido outros materiais e possivelmente ele terá uma leitura eficiente de um artigo de opinião, de um texto científico. Portanto, é imprescindível que à medida que um aluno conheça um determinado conteúdo, um determinado gênero ou tipologia textual, ele possa ir adentrando em textos de níveis mais complexos, para entendê-los, compreendendo também a si e a sociedade.

Na obra *A formação do leitor literário*, Colomer (2003) divulga uma pesquisa sobre os gêneros literários mais lidos dependendo da faixa etária. Para esta dissertação nos interessa o gosto da faixa etária de 12 a 15 anos, nesta fase é privilegia-se obras que abordam a construção de uma personalidade própria, a vida em sociedade e a ficção científica. De acordo com a idade dos leitores, alguns gêneros são mais lidos do que outros, neste sentido, a autora salienta alguns dos fatores que favorecem esses gêneros nessa fase:

[...] pelo enfraquecimento das limitações derivadas da ideia de que é preciso proteger os meninos e meninas ou de que é impossível usar cenários distantes ou argumentações inferenciais complexas. Assim, pois, o aproveitamento da ficção científica ou do romance policial da literatura de adultos ou a presença do terror e o romance histórico, se produz muito mais facilmente nesta etapa de leitura, enquanto que a consciência de que os interesses dos leitores se ampliaram em direção ao mundo exterior faz aumentar as temáticas sociais (COLOMER, 2003, p. 248).

Diante do exposto, consideramos que o conto “Os fatos no caso de M. Valdemar”, do autor Edgar Allan Poe, escolhido para essa sequência seja adequado, pois aborda a ficção científica, mais também elementos do gótico.

O conto é um gênero literário antigo, segundo Magalhães Júnior (1972), tal gênero já estava presente entre os povos antes mesmo da escrita. Por meio da oralidade, muitas histórias eram contadas, mas com o passar do tempo, a humanidade foi evoluindo e juntamente com ela a produção dos contos. Conforme ressalta Spalding (2008, p.13):

De longínqua e milenar história – alguns remontam sua origem a contos egípcios de 4000 anos antes de Cristo –, sua evolução confunde-se com a história da própria humanidade e suas profundas transformações, passando pelo período bíblico e a história de Caim e Abel, pelos contos do Oriente e as mil e uma noites, pelos contos eróticos de Bocaccio e pelas novelas exemplares de Cervantes. Mas é no século XIX que o conto se desenvolve enquanto gênero a partir de estudiosos e teóricos como os Irmãos Grimm e Edgar Allan Poe.

Dessa forma, percebemos como esse gênero está presente em nossas vidas, desde criança ouvimos nossos pais contarem histórias, e muitas delas eram contos que faziam parte da cultura oral. Por esta razão, consideramos apropriado esse gênero para ser a base da nossa sequência, visto que além de já fazer parte do repertório de leituras dos alunos, apresenta uma estrutura aparentemente simples, facilitando a compreensão por parte de um leitor pouco experiente.

O conto é uma narrativa curta, constituído por narrador, poucos personagens, enredo, tempo e espaço. Ele deve ser construído em torno de um conflito básico, relatando seu desenrolar e seu desfecho. Se compararmos com a novela ou o romance, as narrativas curtas têm os mesmos elementos estruturais, tendo como diferencial a concisão. Para Abaurre (2007), o conto segue uma ordem determinada, baseada nos elementos da narrativa, e esta é desequilibrada por um conflito que deverá ser solucionado, voltando assim a ordem inicial.

No mundo contemporâneo, a maioria das pessoas não tem muito tempo, procurando nos contos uma maneira de refletir sobre a realidade, bem como fugir do estresse causado por uma vida agitada. A brevidade da narrativa possibilita uma leitura mais rápida, por esse motivo muitas pessoas escolhem esse gênero.

Inicialmente, o professor começará a leitura do conto selecionado, devendo ser realizada de maneira expressiva, para demonstrar à classe o quanto esta atividade pode ser prazerosa, além de criar um clima de suspense. Em seguida, os alunos farão a continuação da leitura em casa, pois este conto é relativamente extenso. A seguir, apresentamos um resumo da obra:

#### **RESUMO DA OBRA**

O conto “Os fatos no caso de M. Valdemar” narra a história de alguém que está prestes a morrer, acometido de tuberculose. Este tem um amigo que realiza práticas de mesmerismo<sup>3</sup> e aceita ser cobaia do experimento, dessa forma poderia evitar a morte ou retardá-la. O narrador é personagem, sendo ele responsável por descrever as ações e realizar o mesmerismo. As ações relatam um momento de não-vida e também não-morte, seria a passagem de um momento para o outro, que se prolongou por meses. A descrição dos acontecimentos é feita de maneira bem detalhada e envolvente. O diálogo entre as personagens e a passagem do paciente para o mundo dos mortos traz para a obra elementos góticos. A linguagem utilizada por Poe é repleta de termos científicos, sem, contudo, dificultar a leitura.

#### **4º MOMENTO: INTERVALO 1**

**TEMPO ESTIMADO: 2H/A**

#### **HABILIDADE:**

(EF67LP27) “Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos” (BNCC, 2017, p. 169).

<sup>3</sup> Conforme o dicionário Infopédia, mesmerismo significa: “1. recurso ao magnetismo animal e ao hipnotismo como forma de tratamento e cura de doenças, segundo o método do médico alemão Mesmer (1734-1815) 2. designação dada, no século XIX, ao hipnotismo, por extensão da teoria defendida por Mesmer.” Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mesmerismo>. Acesso em: 13 abr. 2021

**OBJETIVO:**

Ler, interpretar e reconhecer diferentes gêneros textuais, utilizando recursos da intertextualidade, a fim de estabelecer comparação e relacionar informações do texto com outros presentes no contexto social no qual o leitor se insere.

Durante a leitura de obras longas é importante fazer intervalos, para saber como está a leitura dos alunos, tentar alinhar as leituras, levantar questões sobre a obra e ajudar a resolver problemas. Conforme Cosson (2014, p. 64)

É durante as atividades do intervalo que o professor perceberá as dificuldades de leitura dos alunos. Esse intervalo funciona, assim, prioritariamente, como um diagnóstico da etapa de decifração no processo de leitura. Por meio dele o professor resolverá problemas ligados ao vocabulário e à estrutura composicional do texto, entre outras dificuldades ligadas à decifração. [...] se bem direcionado, ele pode se constituir em um importante instrumento de aferição pedagógica do processo da leitura como um todo.

Dessa forma, durante os intervalos os professores poderão avaliar o processo e fazer as intervenções que achar necessárias. O número de intervalos depende da extensão da obra, não devendo ser muitos, para não perder o foco principal, que é a leitura da obra.

Para o primeiro intervalo da leitura, o professor solicita que os alunos assistam ao filme *Frankenstein de Mary Shelley* (1994), de Kenneth Branagh em casa; existem várias outras adaptações, mas recomendamos essa, por ser mais fidedigna a obra literária<sup>4</sup>. O filme é baseado na obra que inaugura o gênero de ficção científica, *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley.

O uso de filmes nas atividades pedagógicas é um recurso atrativo, sendo muito importante a utilização dessa ferramenta na nossa prática, principalmente, quando usamos para incentivar a leitura de uma obra literária. Conforme ressalta Napolitano (2003, p. 11):

[...] trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o

<sup>4</sup> Sabemos que um filme baseado em uma obra literária, por exemplo, é uma obra independente e não deve ser visto como melhor ou pior que outro por ser mais ou menos semelhante à obra literária da qual deriva, mas sugerimos este por ser o mais próximo do romance de Shelley, tendo em vista que seria difícil para os alunos terem acesso à obra na íntegra, assim, um filme muito semelhante ao hipotexto facilitaria a discussão sobre o romance em foco. Além disso, as demais adaptações de *Frankenstein* são muito livres, de sorte que pouco tem relação com o romance, fato que não ajudaria na discussão que pretendemos.

cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.

Em virtude do exposto, compreendemos que esse recurso é uma ferramenta interessante para ser trabalhada na escola, pois desenvolve, além do gosto pela obra, quando for filmes adaptados de obras literárias, serve de base para abordar questões de ideologias, valores sociais e outros conhecimentos que achar pertinentes à disciplina lecionada.

Depois de assistirem ao filme, farão uma visita ao laboratório de ciências (se a escola possuir). Neste ambiente, lugar perfeito para abordar a questão da ética científica, sugerimos a leitura da reportagem “Cientistas criam embriões híbridos de humanos e macacos na China” escrita por Wesley J. Smith da National Review, publicada no jornal Gazeta do Povo, disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/embrioes-hibridos-humanos-macacos-china/>.

Essa reportagem está bem relacionada à ficção científica, retratando os experimentos feitos por pesquisadores que fecundaram óvulos extraídos de macacos-cinomolgos (*Macaca fascicularis*) e os cultivaram em laboratório. A pesquisa causou divergências de opiniões e reavivou a questão dos limites éticos e científicos estabelecidos. Segundo a reportagem, a Sociedade Internacional de Pesquisa com Células-Tronco (ISSCR) está revisando as diretrizes para a pesquisa com células-tronco para posterior publicação.

De certa forma, podemos relacionar essa notícia com o romance inglês *Ilha do Dr. Moreau*<sup>5</sup> (1896), de H. G. Wells que aborda a transformação de animais em humanos, questionando a ética da medicina. A obra narra a vida de um médico, Dr. Moureau, que faz experimentos monstruosos, por essa razão acaba sendo exilado, indo para uma ilha no Pacífico, onde continua com suas práticas, sendo considerado por suas criaturas, como um deus.

No final da reportagem, o autor faz referência a um dos grandes clássicos da literatura de ficção científica: *Admirável mundo novo*<sup>6</sup>, do escritor Aldous Huxley, publicado em 1932. Nessa obra, a questão da fecundação está em maior evidência, os humanos não são concebidos da forma natural, sendo criados em laboratórios, como linha

---

<sup>5</sup> A obra *A ilha do Dr. Moureau* também serviu de base para a produção do filme com título homônimo dirigido por John Frankenheimer, lançado em 1996.

<sup>6</sup> Possui uma adaptação antiga (1980) disponível no Youtube, e outra de 1988. Serviu de base para produção de uma série atual (2020), mas por enquanto, só teve a primeira.

de produção em massa; as células são manipuladas e condicionadas. Os indivíduos são pré-condicionados biológica e psicologicamente para atender aos padrões estabelecidos para uma sociedade e divididos em castas Alfa, Beta, Gama, Delta e Epsilons, dependendo dos condicionamentos e das atividades que deverão desenvolver.

Em seguida, discutirão sobre o filme, relembrando os fatos marcantes da obra. Depois, relacionarão a reportagem e o filme com o conto em estudo, enfatizando a dicotomia morte e vida, ciência e religião e a ética científica. A seguir, um quadro com perguntas que podem nortear o debate sobre as obras:

- Qual a importância da ciência em nossas vidas?
- Como a ciência é retratada nos três textos (a reportagem, o filme e o conto)?
- Você acha que para alcançar um grande feito, vale a pena quebrar regras, burlar leis, ou seja, usar a máxima “os fins justificam os meios”?
- Podemos observar que Victor era muito dedicado aos estudos, destinando muito tempo na busca e aprimoramento de seu conhecimento, com o intuito de concretizar seu objetivo. Como você analisa essa trajetória? Qual a importância disso para realizar sonhos?
- Como a sociedade percebe os experimentos que se utilizam de animais em seus testes?
- Podemos fazer um comparativo entre a ciência retratada em *Frankenstein* e os testes com células troncos?
- Com relação ao fator ético, a sociedade, a religião e a ciência pensam igualmente sobre os experimentos apresentados na reportagem e nas obras literárias?
- Uma temática presente nas duas obras é a morte. Será que é possível retardar a morte? Até que ponto podemos ir, com relação aos experimentos, para conseguir uma maneira de fugir da morte ou retardá-la?
- O que vocês pensam sobre vida após a morte?
- Vocês acham que é possível alguém vivenciar uma experiência de quase morte?

**5º MOMENTO: INTERVALO 2**

**TEMPLO ESTIMADO: 1 H/A**

**HABILIDADE:**

(EF89LP27) “Tecer considerações e formular problematizações pertinentes, em momentos oportunos, em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.” (BNCC, 2017, p.185)

**OBJETIVO:**

Aproximar os alunos do universo literário a partir dos gêneros: poema e música.

Selecionado para outro intervalo da leitura está o poema “O homem; as viagens” (1973), de Carlos Drummond de Andrade e a música “Rocket Man” [Homem Foguete] de Elton John. Inicialmente, pode ser feita uma leitura silenciosa do poema e depois coletiva em forma de recital. Em seguida, com os alunos munidos de uma cópia da música e a versão em português, será apresentado o vídeo-clip com a música de Elton John, para posteriormente relacionar um texto com o outro, suscitando semelhanças e diferenças entre eles.

Neste intervalo, diferente da temática voltada para a área de medicina e descobertas científicas no conto de Poe e em *Frankenstein*, é abordado um outro viés da ficção científica: viagens interplanetárias. Até agora, portanto, o letramento literário será construído por meio da exploração destes nichos da ficção científica, no caso, questões relacionadas à medicina, descobertas científicas e viagens interplanetárias.

A leitura coletiva é importante, nesse ínterim, para que ocorra interação entre os alunos. A experiência da leitura compartilhada, do debate interpretativo acerca de uma obra, possibilita tanto a melhor compreensão do texto, como o aumento do repertório, além de apresentar outras interpretações possíveis, diferentes do que o autor quis transmitir. Como ressalta Marlène Lebrun (2013, p. 134):

Ler é investir em um lugar de leitor, quer dizer, em um texto, é apropriar-se dele. O investimento e a apropriação serão facilitados pelo ato de trocar e compartilhar no interior da comunidade interpretativa constituída em sala de aula. A leitura torna-se então um prazer de *gourmet*, ainda mais apreciada por ser convival.

Assim, ampliamos o campo de visão dos sujeitos-leitores, além de trabalhar com a polissemia que o texto literário pode promover, considerando que a leitura recitada possibilita o desenvolvimento da oralidade, bem como de habilidades artísticas, uma vez

que o aluno deverá fazer uso de uma fala expressiva e fluente, respeitando ritmo, pausas, hesitações, entonação e eventuais recursos de gestualidade e postura.

Nessa perspectiva, uma obra literária pode ser trabalhada de diferentes maneiras, com visões e linhas de análise diversificadas. Dessa forma, as dimensões possíveis de análise podem estar no campo do conhecimento, da estética ou da visão de mundo do autor. Cabe ao estudioso escolher qual a sua linha de raciocínio e quais os objetivos que deseja alcançar. Sendo assim, o professor deve mediar a leitura das obras de forma coletiva e, posteriormente, promover uma interpretação coletiva.

**Atenção, professor(a)!**

Selecione algumas imagens sobre astronautas, para colocar na sala.

Providencie as cópias da letra música e do poema para serem entregues aos alunos.

A seguir, colocamos imagens, o poema na íntegra e a letra da música com a tradução para facilitar a leitura.

Figura 5 – Astronautas e livros



Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/detail/ilustra%C3%A7%C3%A3o/astronaut-flying-in-space-and-blank-book-ilustra%C3%A7%C3%A3o-royalty-free/870303914?language=fr> Acesso em: 16 mar. 2021

Figura 6- Astronauta olhando a terra



Foto: Reprodução de youtube do vídeo Elton John Fonte: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Screen-Shot-2019-06-04-at-11.53.09.png> Acesso em: 22/02/2020

O gênero textual predominante nesta proposta é o conto, entretanto outros gêneros são trabalhados para aprofundar os conhecimentos sobre a temática e promover o letramento literário. O trabalho com poemas é relevante, pois possibilita aos alunos fazerem a interpretação e desenvolverem seu senso crítico.

Na obra *Poesia na sala de aula* (2007), do professor Hélder Pinheiro, encontramos indagações interessantes sobre o uso desse gênero na escola. Para o autor, muitos professores privilegiam o texto em prosa, dentre os motivos estão o despreparo de alguns para trabalhar com gênero poesia, sendo necessário seguir os modelos apresentados nos livros didáticos que “em sua maioria, ficam na tradicional e questionável ‘interpretação de texto’, sem falar na qualidade discutível de inúmeros ‘poemas’ compilados nessas obras.” (PINHEIRO, 2007, p.18,19, grifo do autor) Surgindo assim, os seguintes questionamentos: “vale a pena trabalhar a poesia na sala de aula? Qual a função social da poesia?”

A resposta para a primeira pergunta é sim, entretanto o autor ressalta que “não qualquer poesia, nem de qualquer modo” (PINHEIRO, 2007, p.20) Precisamos estabelecer critérios para a escolha das obras e também planejar as metodologias usadas para desenvolver as atividades com elas. Sabemos que podemos desenvolver atividades semelhantes em turmas diferentes e os resultados não serão os mesmos, precisamos

conhecer os gostos dos nossos alunos e especificidades. Relembramos que também não podemos trabalhar somente com o que eles gostam, pois como vão gostar de algo que não conhecem?

Já a função social da poesia social é algo mais complexo, ela possibilita o prazer, não o mesmo de quando compramos algo, como explica Eliot (*apud* PINHEIRO, 2007, p 22), mas como:

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter, (...) há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade.

Nessa perspectiva, confirmamos como a poesia pode ser benéfica na vida das pessoas, pois desperta novas experiências, expressa sentimentos e emoções. Dependendo de como é trabalhada, ela nos comunica algo, permitindo o leitor ter um encontro com a obra e desenvolver o senso poético.

Para compreendermos um poema devemos primeiro fazer uma leitura completa da obra, depois devemos ler novamente, mas em voz alta e, por último, tentar responder algumas perguntas como: Por que determinadas palavras chamam mais atenção? Quais as ideias trabalhadas? Qual o motivo da repetição de palavras? Dentre outros questionamentos que poderão ser feitos para ajudar no entendimento. Essas sugestões são indicadas também, para que o professor use-as com os alunos, fazendo assim um trabalho conjunto de descobertas. A seguir, apresentamos o poema “O homem; as viagens” de Drummond, selecionado para ser lido, relido e examinado neste intervalo:

<b>“O homem; as viagens”</b>	
<p>O homem, bicho da Terra tão pequeno chateia-se na Terra lugar de muita miséria e pouca diversão, faz um foguete, uma cápsula, um módulo toca para a Lua desce cauteloso na Lua pisa na Lua planta bandeirola na Lua experimenta a Lua coloniza a Lua civiliza a Lua humaniza a Lua.</p>	<p>Lua humanizada: tão igual à Terra. O homem chateia-se na Lua. Vamos para Marte — ordena a suas máquinas. Elas obedecem, o homem desce em Marte pisa em Marte experimenta coloniza civiliza humaniza Marte com engenho e arte.</p>

<p>Marte humanizado, que lugar quadrado. Vamos a outra parte? Claro — diz o engenho sofisticado e dócil. Vamos a Vênus. O homem põe o pé em Vênus, vê o visto — é isto? idem idem idem.</p> <p>O homem funde a cuca se não for a Júpiter proclamar justiça junto com injustiça repetir a fossa repetir o inquieto repetitório.</p> <p>Outros planetas restam para outras colônias. O espaço todo vira Terra-a-terra. O homem chega ao Sol ou dá uma volta só para terer? Não-vê que ele inventa roupa insidervável de viver no Sol. Põe o pé e: mas que chato é o Sol, falso touro espanhol domado.</p>	<p>Restam outros sistemas fora do solar a col- onizar. Ao acabarem todos só resta ao homem (estará equipado?) a difícilima dangerousíssima viagem de si a si mesmo: pôr o pé no chão do seu coração experimentar colonizar civilizar humanizar o homem descobrimdo em suas próprias inexploradas entranhas a perene, unsuspeitada alegria de con-viver.</p> <p>Poema extraído do livro <i>As Impurezas do Branco</i>. José Olympio, 1973 © Graña Drummond. Fonte: <a href="http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond05.htm">http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond05.htm</a> Acessado em: 13 de fev. 2021</p>
---	--

Apresentamos a seguir um quadro com algumas informações pertinentes sobre o poema “O homem; as viagens” de Drummond:

**Atenção, professor(a)!<sup>7</sup>**

“No poema "O Homem; As Viagens", Drummond contrapõe uma visão humanista à tecnocracia da corrida espacial.

Para os mais jovens, é interessante lembrar que os anos 60 e pelo menos a primeira metade dos 70 foram marcados pela competição entre os Estados Unidos e a União Soviética em muitos

<sup>7</sup>Caro professor, é bom ficar atento, porque blogs nem sempre contém informações corretas, o que não é o caso deste citado acima. Todavia, optamos por reproduzir os comentários do autor aqui como forma, inclusive, de estimular os alunos a criarem seu próprio blog, nada mais tecnológico do que isto, sobretudo no contexto da nossa pesquisa: ficção científica.

campos, inclusive na exploração do cosmos, numa disputa que recebeu o nome de corrida espacial.

Não resta dúvida de que dessa corrida resultaram importantes avanços científicos e tecnológicos. Mas a portentosa máquina de propaganda americana utilizou extensamente as viagens ao espaço — em especial a descida na Lua, em 1969 — como forma de demonstrar a superioridade de sua tecnologia e de seus valores, assim como as maravilhas do estilo de vida na terra do Tio Sam.

Neste poema, que foi inicialmente publicado como crônica no *Jornal do Brasil*, Drummond mostra que, mais importante do que chegar a Marte ou a qualquer outro mundo distante, o fundamental para a humanidade é resolver os problemas da fome, da desigualdade e das injustiças aqui mesmo.

Para isso, ele propõe que o ser humano faça uma viagem de si a si mesmo e questione o que andamos fazendo com nossos semelhantes e com nosso velho e maltratado planeta Terra.”

Fonte: MACHADO, Carlos. Disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond05.htm>. Acessado em: 13 de fev. 2021.

A música faz parte da experiência humana no seu dia a dia, presente na TV, nos rádios, bares, em atividades religiosas, por esse motivo escolhemos trabalhar também com esse gênero. Selecionamos a música “Rocket Man”, composta por Elton John e Bernie Taupin. A letra é baseada no conto de ficção científica "The Rocket Man", do escritor americano Ray Bradbury; ela descreve os sentimentos de um astronauta em Marte que teve que deixar sua família. Por esta razão, achamos interessante trabalhar com ela, pois um dos nichos da ficção científica são as viagens espaciais. O professor pode passar o vídeo com a música e a tradução, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=y8QG1Qj8oNk>, ou pode fazer um trabalho interdisciplinar com o professor de língua inglesa. Apresentamos a seguir a letra e a tradução dela:

<b>Rocket Man</b>	<b>Homem do foguete (tradução)</b>
She packed my bag last night, preflight Zero hour, nine a.m. And I'm gonna be high As a kite by then	Ela arrumou a mala noite passada antes do vôo Meia-noite, nove da manhã E eu estarei bem no alto Como uma pipa quando chegar lá

<p>I miss the earth so much I miss my wife It's lonely out in space On such a timeless flight</p> <p>And I think it's gonna be a long, long, time 'Til touchdown brings me 'round again to find I'm not the man they think I am at home Ah, no no no... I'm a rocket man Rocket man Burnin' out his fuse up here alone</p> <p>And I think it's gonna be a long, long, time 'Til touchdown brings me 'round again to find I'm not the man they think I am at home Ah, no no no... I'm a rocket man Rocket man Burnin' out his fuse up here alone</p> <p>Mars ain't the kind of place to raise your kids In fact, it's cold as hell And there's no one there to raise them If you did</p> <p>And all this science I don't understand It's just my job Five days a week A rocket man Rocket man</p> <p>And I think it's gonna be a long, long, time 'Til touchdown brings me 'round again to find</p>	<p>Eu sinto tanta falta da Terra Eu sinto saudades da minha esposa É tão solitário no espaço Em um vôo tão eterno</p> <p>E eu acho que vai levar muito, muito tempo Até eu voltar mais uma vez e descobrir Que eu não sou o homem que eles pensam que sou em casa Ah, não não não Eu sou o homem do foguete Homem do foguete Queimando seu fusível aqui em cima sozinho</p> <p>E eu acho que vai levar muito, muito tempo Até eu voltar mais uma vez e descobrir Que eu não sou o homem que eles pensam que sou em casa Ah, não não não Eu sou o homem do foguete Homem do foguete Queimando seu fusível aqui em cima sozinho</p> <p>Marte não é o tipo do lugar para criar seus filhos Na verdade, é frio como o inferno E não há ninguém lá para criá-los Se você tivesse filhos</p> <p>E toda esta ciência Eu não compreendo É apenas meu trabalho Cinco dias por semana O homem do foguete Homem do foguete</p> <p>E eu acho que vai levar muito, muito tempo Até eu voltar mais uma vez e descobrir</p>
--	--



Sugerimos algumas perguntas motivacionais para iniciar um debate acerca dos textos lidos:

- ✚ Como imaginam ser a vida em outros planetas?
- ✚ Vocês gostariam de habitar um planeta diferente?
- ✚ Gostariam de ser astronautas?
- ✚ Na música, o astronauta considerara sua profissão comum, qual a opinião de vocês sobre isso?
- ✚ No poema aborda a questão da colonização de outros planetas, qual seria a causa de tantas mudanças?
- ✚ O que vocês entendem por viajar para dentro de si?

Por fim, o professor poderá pedir para os alunos fecharem os olhos e se imaginarem em outro planeta, e como seria a vida neles. Depois, poderá fazer a socialização desta atividade.

A escolha desses gêneros, poesia e música, para este intervalo, se justifica por considerarmos a música uma expressão cultural muito presente na vida dos alunos, despertando um maior interesse pelas aulas quando esta é utilizada. Com relação ao poema, além dos benefícios elencados por Pinheiro (2007), consideramos apropriado aliar esse a música, possibilitando uma comparação entre os gêneros e suas temáticas, dessa forma, atrai o interesse do aluno e possibilita uma maior interatividade. Assim, trabalhando poemas e músicas, acreditamos que será possível propiciar aos alunos atividades de interpretação e inserir esses gêneros numa perspectiva de aprendizagem.

### **6º MOMENTO: INTERVALO 3**

**TEMPO ESTIMADO: 2 H/ A**

#### **HABILIDADE:**

(EF89LP33) “Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores” (BNCC, 2017, p. 187).

Neste último intervalo, propomos que sejam desenvolvidas atividades com literatura digital. Temos ciência que a tecnologia a cada dia está mais intrínseca na sociedade, muitas pessoas têm medo que o livro impresso perda espaço, entretanto acreditamos que as novas invenções tecnológicas trazem mais vantagens para o acesso às obras literárias, pois podemos encontrar livros em pdf e e-book, por exemplo.

No campo da poesia, encontramos uma nova forma de produção: os ciberpoemas, os quais unem sons, imagens, versos, tecnologia e internet. Neste tipo de poema, temos um caráter mais dinâmico, saímos da forma tradicional de ler e fazer poemas, criando novas características para produção de poesia que não fazem parte da obra impressa, devido às limitações do seu suporte. Esse tipo de poesia sofreu influência das vanguardas europeias e da poesia concretista; os poetas dessa fase queriam aliar a poesia outros elementos, saindo do verso linear fixo no papel. Conforme apresenta Bosi (2006), os poemas concretos tinham como objetivos:

[...] levar às últimas consequências certos processos estruturais que marcaram o futurismo (italiano e russo), o dadaísmo e, em parte, o surrealismo, ao menos no que este significa de exaltação do imaginário e do inventivo do *fazer* poético. São processos que visam a atingir e a explorar as camadas materiais do *significante* (o som, a letra impressa, a linha, a superfície da página, eventualmente, a cor, a massa) e, por isso, levam a rejeitar toda concepção que esgote nos *temas* ou na realidade psíquica do emissor o interesse e a valia da obra (BOSI, 2006, p. 476, grifos do autor).

Depois dessa época, o fazer poético passa a ter uma nova característica, outras técnicas são usadas para produzir os poemas. Merece destaque o poeta Augusto de Campos, pertencente ao movimento concretista, que depois da forte fase do concretismo, continuou seu trabalho poético, aliando agora as novas tecnologias, usando o ciberespaço para criar, reproduzir e recriar suas obras. Conforme afirma Dias e Tibúrcio (2017, p.260):

Fruto dessa produção digital mais contemporânea, tem-se uma série de ciberpoemas que o autor nominou de “Clip-poemas”, cujos arranjos virtuais oscilam entre uma produção inédita e outra resultante da releitura ou reelaboração digital de alguns poemas do próprio autor, construídos originariamente no contexto concretista ou com ele relacionados.

Dessa forma, o poeta conseguiu realizar o sonho dos concretistas, aliando imagem, som, palavra e movimento. Outros trabalhos que merecem destaque são os de

de Gruszynski e Capparelli (2000) que aliaram a poesia visual, técnicas, imagens de *design*, de pintura e outras linguagens. É importante ressaltar, que os ciberpoemas não são apenas a digitalização de poemas visuais, pois, conforme Hayles (2009, p. 37) “quando um trabalho é reconcebido para aproveitar os recursos [...] da web, o resultado não é apenas uma ‘versão’ da web, mas uma produção artística inteiramente diferente”. Nessa perspectiva, esse gênero digital dinamiza as produções textuais, tornando-se uma ferramenta para promoção do letramento literário, por ser uma estratégia diferente das tradicionalmente utilizadas nas escolas.

Um outro gênero digital que abordaremos neste trabalho são os hipercontos. Sua origem advém de conto canônico, que foi adaptado para era digital, permanecendo a “narratividade, intensidade, tensão, ocultamento, autoria”, conforme afirma Spalding (*apud* ROJO e MOURA, 2012, p.101). Os autores desse gênero devem usar os recursos multissemióticos, unidos aos jogos de computadores, animações, *designs* gráficos, artes digitais. Todos esses recursos possibilitam o aumento dos sentidos dos textos e favorecem a formação dos leitores, pois a literatura digital permite a autonomia do leitor, desenvolve o senso crítico e, em certos casos, a ordem dos fatos é determinada pelas escolhas feitas durante a leitura, diferente da literatura impressa que mantém uma linearidade.

Este ainda é um gênero recente, não encontramos muitas bibliografias sobre o tema, nem muitos exemplos na *web*, entretanto não podemos deixar de trabalhar com eles em sala de aula. Conforme enfatiza Rojo e Moura (2012, p. 105), “devem ser apresentados e explorados nas salas de aula por suas possibilidades multissemióticas e pelas surpresas que apresenta a cada capítulo ou a cada clique”.

A literatura digital não deve ser encarada como uma substituta da impressa, mas como uma outra alternativa, para criar o hábito leitor. Na nossa prática docente, observamos como os adolescentes e jovens estão conectados à internet, usando celulares e computadores. Muitas vezes ouvimos dizerem que estão lendo ou leram livros pela tela de seus aparelhos digitais, por esse motivo, devemos apresentar esta nova forma de produção, para despertar o gosto pela literatura na tela e pela impressa. Conforme afirmam Santos, Gross e Spalding (*apud* SOUZA, SCHLINDWEIN, 2018, p. 89):

A nova vertente de literatura que aqui expomos, a Literatura Digital, não vem como um recurso aleatório para preencher o tempo, ou simplesmente, justificar a necessidade de se usar a tecnologia em sala de aula. É uma forma legítima e autoral de arte. É fruto da idealização de escritores que têm um compromisso com a arte da palavra e em

formar novos leitores. São novas formas de leituras para leitores de novos tempos.

Nessa perspectiva, a literatura digital não é algo feito por acaso, para sua produção, além de saber manusear as tecnologias é preciso dominar a arte da palavra. O autor precisa selecionar quais elementos digitais são mais adequados aos seus textos.

Para essa sequência, consideramos interessante utilizar a literatura digital, em especial a poesia e o hiperconto, pois neles aliamos a literatura com a tecnologia, que de certa forma estão relacionadas também com a ficção científica.

No laboratório de informática, os alunos acessam o *site* Literatura Digital (<http://www.literaturadigital.com.br/>) e encontrarão vários projetos de literatura digital criados pelo grupo do movimento em defesa da leitura e literatura na era digital, além de *links* de *sites* que abordam a mesma temática, sendo possível interagir com os poemas, contos, minicontos, hipercontos, dentre outros, e fazer suas próprias produções, ampliando-se o trabalho com letramento literário para estes outros nichos. Abaixo podemos visualizar a captura da tela inicial do site:

Figura 7- Tela inicial do site Literatura Digital

The screenshot shows the homepage of the 'Literatura Digital' website. At the top, the title 'Literatura Digital' is displayed in large yellow letters. To the right of the title is the logo for 'movimento literaturadigital .com.br'. Below the title, there is a navigation menu on the left with items like 'O movimento', 'Apresentação', 'Manifesto', etc. The main content area features a central banner with the text: 'O movimento Literatura Digital é um movimento permanente em defesa da leitura e da literatura na era digital. >> mais'. Below this is a yellow box with the text 'chamada para participação em projetos de literatura digital'. There are two images: one showing a computer screen with 'http://www.' and a mouse cursor, labeled 'literatura para web', and another showing a tablet displaying a book, labeled 'literatura para tablets'. Below these images is the text '-- Conheça os projetos elaborados pelo grupo --'. There are two project banners: 'minicontos coloridos' by Marcelo Spalding and 'o JOGO do GATO poeta'. On the right side, there is a 'DOWNLOAD' section with a link to a thesis and a 'Perguntas e Respostas' section with several questions about digital literature.

Fonte: <http://www.literaturadigital.com.br/>

Observamos que logo na primeira página do *site*, temos vários *links* e leituras que poderemos fazer, o leitor pode se deslocar por diferentes caminhos, a era digital permite isso. Para muitos críticos da literatura digital, isso pode ser um problema, pois o leitor pode se distrair com outros elementos e perder a fruição do texto literário. Entretanto, para os defensores desta literatura, os diferentes recursos semióticos, multimodais, possibilitam o aprofundamento dos sentidos do texto, dessa forma amplia-se os letramentos para os multiletramentos, conforme salienta Rojo e Moura (2012).

Dentre os vários projetos disponibilizados no *site*, escolhemos dois para essa sequência: *O jogo do gato poeta* e *Um estudo em vermelho*. É importante que o professor acompanhe esse processo e direcione os alunos para o projeto intitulado “O jogo do gato poeta”, nele é apresentada uma única imagem, que leva/direciona a 80 textos, tercetos, tendo como objetivo descobrir em qual deles está o nome do gato, sendo que só são oferecidas sete vidas (chances). Quem descobrir, ganha um e-book com todos os poemas do Gato poeta da autora Ana Mello. Consideramos esta atividade muito interessante, pois mesmo sem ganhar o jogo, podemos nos deleitar com a leitura dos poemas. Portanto, essa atividade é uma alternativa atrativa, moderna e lúdica de se abordar a literatura na sala de aula. A seguir, apresentamos a imagem do gato que faz parte do jogo:

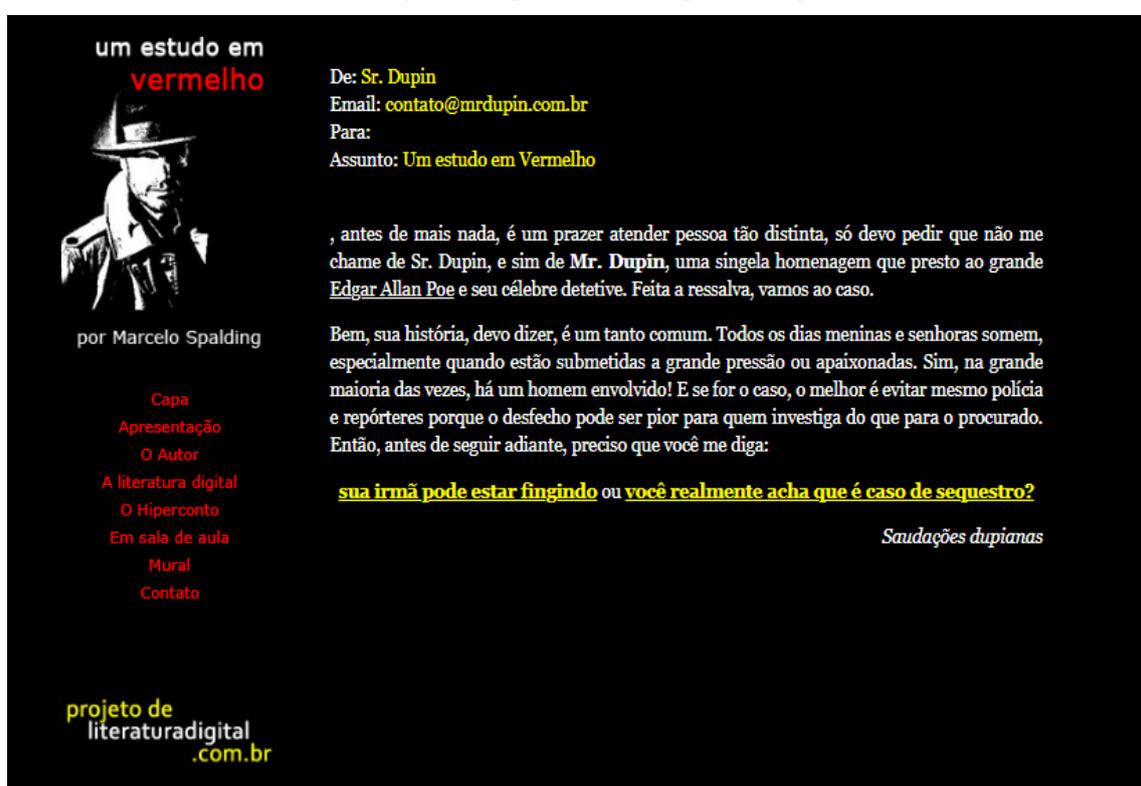
Figura 8- Gato poeta



Fonte: <http://www.literaturadigital.com.br/jogodogato/index2.php>

Indicamos também o projeto literário *Um estudo em vermelho* de Marcelo Spalding. Nele é apresentado um hiperconto, sendo o primeiro criado no Brasil. Nele é possível uma grande interação do leitor com a obra, sendo um dos personagens da obra, tendo que fazer escolhas durante a leitura, em determinados momentos da obra são feitos dois questionamentos, através de *links*. São essas escolhas que determinarão o final da história, sendo possível oito finais diferentes. A seguir, colocamos a captura da tela de uma das partes do hiperconto:

Figura 9- Captura de tela de parte do hiperconto



Fonte: <http://www.literaturadigital.com.br/estudoemvermelho/>

Podemos observar na imagem acima os dois questionamentos (*links*) em amarelo que o leitor tem que escolher para seguir na história, durante a narrativa aparecem mais outros dois momentos como esse. *Um estudo em vermelho*<sup>8</sup> conta a história de alguém (o leitor) que procura a ajuda do detetive Dupin para encontrar sua irmã desaparecida, a narrativa consiste na troca de *e-mails* entre os dois. Esse hiperconto apresenta diversas

<sup>8</sup> Ressaltamos que “Um Estudo em Vermelho” é o título de um romance policial escrito por Sir Arthur Conan Doyle, publicado originalmente pela revista Beeton's Christmas Annual em novembro de 1887. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Um\\_Estudo\\_em\\_Vermelho](https://pt.wikipedia.org/wiki/Um_Estudo_em_Vermelho). Acesso em: 22 mar. 2021.

referências a outras histórias de detetive, como as narrativas de Edgar Allan Poe e as clássicas peripécias de Sherlock Holmes.

Depois da leitura das obras, é importante promover um momento de conversa sobre as obras, deixando os alunos falarem sobre suas experiências e impressões, algumas perguntas podem ser feitas para nortear esse momento, tais como:

- Descobriram o nome do gato?
- O que acharam do jogo?
- Quais os caminhos percorridos durante a leitura do hiperconto?
- Qual foi o final?
- Já conheciam o detetive Dupin, personagem de Edgar Allan Poe?
- E o detetive Sherlock Holmes de Sir Arthur Conan Doyle?

## **7º MOMENTO: INTERPRETAÇÃO**

**TEMPLO ESTIMADO: 6 H/A**

### **HABILIDADES:**

(EF69LP10) “Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, podcasts noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, vlogs, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – podcasts e vlogs noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros” (BNCC, 2017, p. 143).

(EF08LP14) “Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão sequencial (articuladores) e referencial (léxica e pronominal), construções passivas e impessoais, discurso direto e indireto e outros recursos expressivos adequados ao gênero textual” (BNCC, 2017, p.191).

(EF69LP51) “Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário” (BNCC, 2017, p. 159).

(EF89LP35) “Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa” (BNCC, 2017, p. 187).

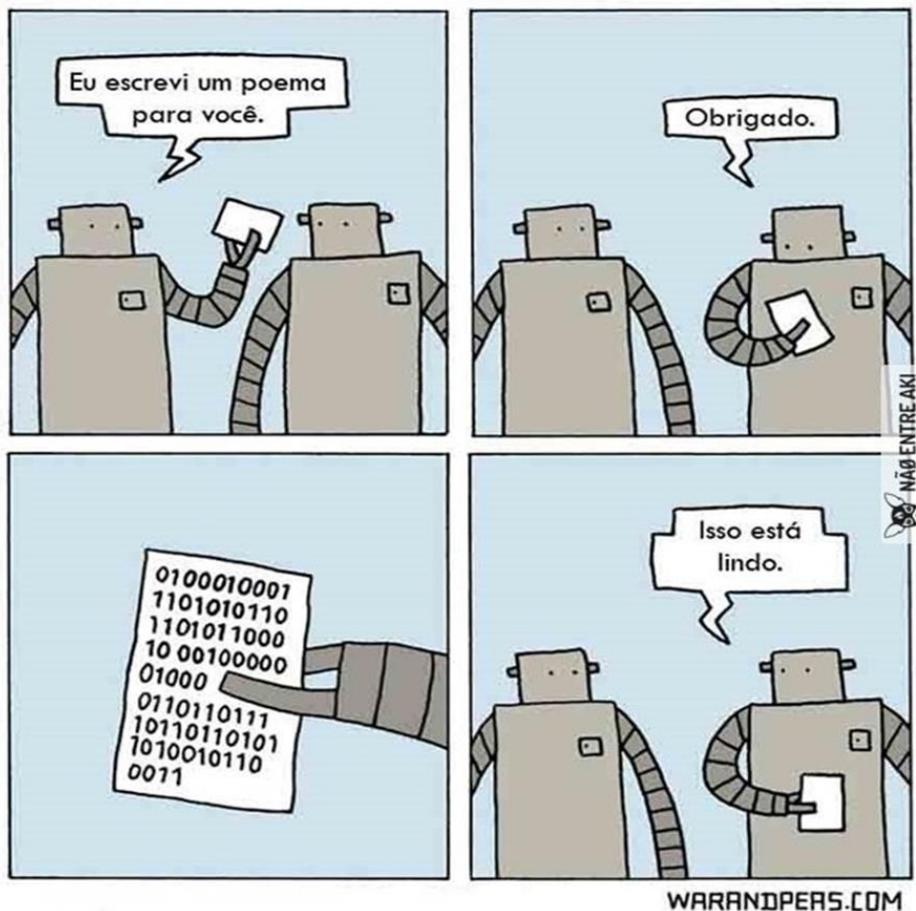
A etapa final é a interpretação da obra-base que, segundo Cosson (2007, p. 64): “Parte do entretencimento dos enunciados que constituem as inferências para chegar à construção do sentido do texto dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade.” Conforme este ponto de vista, o aluno precisa internalizar a obra e se posicionar sobre ela, dando sentido ao texto lido, somente assim, será capaz de interpretá-la.

As atividades de interpretação sugeridas nessa sequência são: resenha crítica, escrever um poema em código binário, *vlog*, *stop motion* e produção de um conto de ficção científica em qualquer nicho dela, desejado pelos alunos.

No laboratório de informática, os alunos farão a produção de poemas e resenha sobre o conto lido. Para a produção do poema, sugerimos usar o código binário. Primeiro, o professor apresenta uma tirinha que contem esse código (disponibilizamos um exemplo a seguir), para despertar a curiosidade sobre o tema, depois explica o que é, e como utilizá-lo. Na tirinha a seguir, temos dois robôes conversando, um faz um poema para o outro que está em código binário, ou seja, a linguagem usada nas máquinas eletrônicas. Matematicamente falando, só são usados dois algarismos 1 e 0, por isso chama-se de sistema binário.

Merece destaque o fato de que, ao olhar para um poema em código binário, o olho humano enxerga apenas uma combinação dos dois números, portanto, para ele se tornar compreensível, é necessário que seja transferido para o computador que “traduzirá” o código para a linguagem humana, conforme explicação abaixo.

Figura 10 – poema em código binário



Fonte: <http://www.naoentreaki.com.br/16302097-que-lindo.htm>

Depois da leitura da tirinha e explicações sobre o código binário, o professor solicita que os alunos produzam poemas relacionados ao conto em estudo; essa atividade pode ser realizada em grupo. Quando terminarem as produções, os alunos devem passar para o código binário, usando um tradutor disponível na internet. Dentre os vários *sites* disponíveis, sugerimos o Invertexto (<https://www.invertexto.com/codigo-binario>) ou Tradutor de Binário ([https://www.4devs.com.br/tradutor\\_codigo\\_binario](https://www.4devs.com.br/tradutor_codigo_binario)).

Para a produção da resenha, o professor deve dividir os alunos em duplas, para facilitar a produção. Para tanto, faz-se necessário explicar as características deste gênero textual, que deve conter informações e argumentos convincentes, capazes de conquistar novos leitores para o objeto de estudo em questão (o conto). Durante a atividade, o professor deve circular sobre a sala, para auxiliar as duplas que sentirem dificuldades na produção dos textos, orientando-os a fazerem um planejamento, em primeira mão, das etapas da produção: quais são as informações relevantes, quais argumentos são adequados, incentivando-os a socializarem ideias sobre a produção e a trocarem os textos

no momento da revisão, a fim de avaliarem se as ideias estão pertinentes ao gênero proposto e compreensíveis para o leitor.

Ao final, as produções poderão ser colocadas em mural, fora da sala de aula, publicadas nas redes sociais da escola, para incentivar a leitura do conto pelos demais membros da comunidade escolar.

Nas aulas de língua portuguesa, destacamos a leitura e a escrita, entretanto também devemos abordar a oralidade. Escolhemos o gênero *vlog* para desenvolver a oralidade dos alunos, por fazerem parte das opções de entretenimento de muitos estudantes. No *youtube*, encontramos muitos vídeos, dentre eles estão os *vlog*, um gênero novo que faz parte da era digital. Segundo Piero (*apud* ALVES e CARVALHO, 2016, p.4) uma das definições para o gênero *vlog* “é um tipo particular de blog apresentado em forma de vídeo ou um conteúdo audiovisual”; ele ressalta também que o autor “expõe suas ideias sobre algum tema e permite a interatividade com outros usuários (...)”. Dessa forma, este gênero trabalha com textos narrativos e argumentativos em sua maioria, seus autores apresentam fatos do cotidiano ou opinam sobre temas diversos. Apesar de ser um gênero oral, também trabalha com a escrita, pois antes da produção é preciso um bom planejamento; o autor precisa escrever o que vai ser apresentado. A leitura também pode ser desenvolvida, pois na busca de informações para o *vlog*, o autor realiza várias leituras.

Para a produção do *vlog*, a turma pode ser dividida em grupos. Como esse é um gênero novo, primeiro o professor deve perguntar aos alunos se sabem o que é um *vlog*. Espera-se que eles relacionem ao *blog*, com a diferença de o conteúdo ser produzido em formato de vídeo. Sugerimos apresentar o vídeo “O que é *vlog*?” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7zkQ4opRRA8>), para aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre o gênero<sup>9</sup>. Depois, o professor deve solicitar uma pesquisa sobre o passo-a-passo para a produção de *vlog*, as características e o roteiro que os vloggers ou youtubers seguem. Com base nas pesquisas, deve-se reforçar a importância do roteiro para a produção do *vlog* e seus elementos essenciais, como o programa de computador ou celular, a iluminação, dentre outros.

Em ato contínuo, os alunos devem produzir seus próprios *vlogs*, partindo da resenha produzida da obra de Poe anteriormente. Elaboramos um quadro para nortear a produção do *vlog*:

---

<sup>9</sup> Para boas recomendações de exemplos do gênero indique a matéria disponível em: <http://www.listasliterarias.com/2014/02/10-vlogs-literarios-que-vale-pena.html>.

<b>ROTEIRO</b>	
Objeto de análise (tema)	a resenha crítica da obra de Poe
Apresentador(es)	
Público-alvo	
Local de gravação	
Informações	
Argumentos	
Posicionamento sobre o assunto	
Curiosidades	
Senso de humor	

Uma das atividades mais interessantes a serem sugeridas é o *stop motion*, técnica que faz uso de vídeo para produzir animações em que se fotografa objetos ou desenhos quadro a quadro, alterando de maneira sutil as suas posições, a fim de projetar movimentos. A atividade torna-se relevante, uma vez que incorpora o uso da arte às tecnologias vigentes, fato que, indubitavelmente, atrai a adesão do aluno por ser algo que está dentro do seu campo de interesse e domínio.

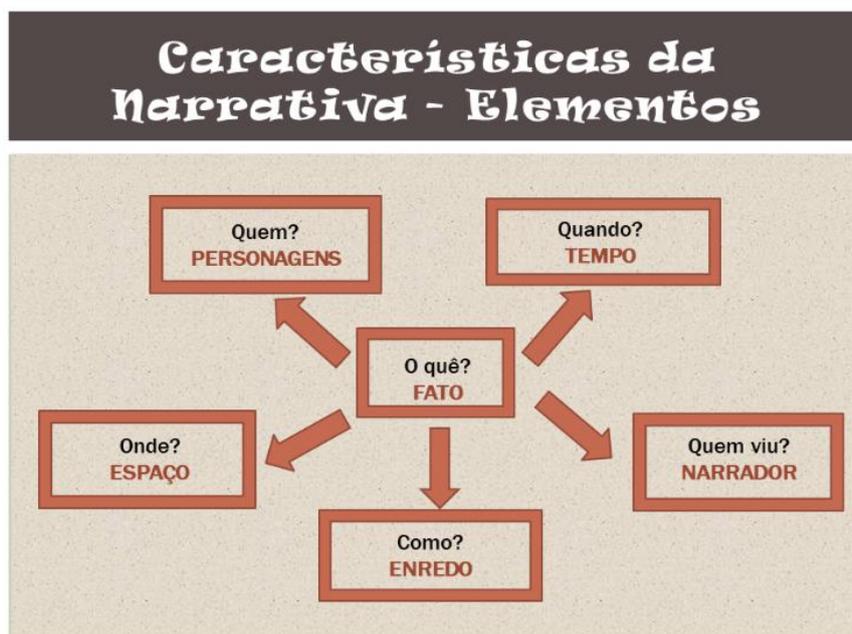
Nesse caso, o primeiro passo a ser dado pelo professor é fazer uma oficina de reconhecimento do gênero para que o aluno se familiarize com tal atividade, que consiste em explicar o que vem a ser isso e, a seguir, passar um vídeo, contendo o passo a passo da execução para, por fim, apresentar uma animação já pronta para os alunos. Sugerimos os vídeos “Fiz uma animação em *Stop Motion* - faça você também”, disponível em <https://youtu.be/D1Wdc6N57DQ> e “*Stop Motion - Creativity Science Art Maths*”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9NZ11Hh4LP4>. Cientes dos procedimentos de execução da técnica, os alunos precisam voltar ao conto em estudo e escolher fatos e situações principais, montar as cenas sequenciais a serem abordadas no vídeo, além de definir com que tipo de material vão trabalhar, se desenhos ou bonecos.

Para esse fim, o professor deverá criar um espaço físico para o desenvolvimento da atividade, bem como disponibilizar o mobiliário e o material necessários, uma vez que sua execução requer o manuseio de massas, papel, lápis, tintas, câmeras, celulares ou computadores, etc. para montagem dos cenários, das personagens. Deve ser uma sala

exclusivamente destinada a esse fim, como uma espécie de laboratório ou oficina, capaz de deixar os alunos à vontade e estimulados a criar.

Dessa forma, o *Stop Motion*, utilizado como ferramenta pedagógica, desenvolve multisaberes, uma vez que requer conhecimentos de áudio, de vídeo, de artes plásticas, dos temas, oportunizando o aprimoramento de competências e habilidades e a consolidação do indivíduo multiletrado.

Em se tratando da produção do conto de ficção científica, primeiro, o professor deve discorrer sobre a estrutura e as características da narrativa, elencando seus elementos. Depois, divide a turma em grupos e entrega tarjetas contendo o nome desses elementos para identificá-los no conto lido. Segue abaixo, exemplos de esquemas que o professor pode utilizar:



Fonte: Produção nossa

## Estrutura da Narrativa - Desenvolver o Enredo

- 1. INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO
- 2. DESENVOLVIMENTO
  - COMPLICAÇÃO
  - CLÍMAX
- 3. CONCLUSÃO OU DESFECHO

## 1. INTRODUÇÃO OU APRESENTAÇÃO

- É o começo da história, no qual se apresentam

*os fatos iniciais,  
as personagens,  
o tempo,  
o espaço.*

## DESENVOLVIMENTO

- Possui 2 partes.
- **COMPLICAÇÃO**: é onde **o conflito** se desenvolve, complica-se, ou seja, surge uma situação a ser resolvida que quebra a estabilidade de personagens e acontecimentos.
- **CLÍMAX**: é o **ponto culminante** da história, o de maior tensão, quando o conflito atinge o seu ponto máximo.

## CONCLUSÃO OU DESFECHO

- Pode ser chamada ainda de **EPÍLOGO** ou **DESENLACE**.
- É a solução final do conflito, que pode ser
  - ★ **feliz.**
  - ★ **trágica.**
  - ★ **inesperada.**
  - ★ **cômica.**
  - ★ **surpreendente, etc.**

## ESQUEMA DO ENREDO

- O ENREDO DEVE SER ASSIM ESTABELECIDO.



Antes da produção, vale lembrar os diferentes nichos da ficção científica, para que os alunos escolham a vertente que farão uso (Ex: viagens no tempo, viagens interplanetárias, viagens ao fundo do mar, viagens em balões, etc.). Este é um momento de grande relevância sobre o trabalho com o letramento literário, sobretudo porque os alunos poderão revisar, de forma consciente, os elementos que compõem os mais diversos nichos da ficção científica.

Para ajudar os alunos no planejamento e elaboração do conto de ficção científica, o professor deverá disponibilizar o material descrito abaixo:

- ✚ QUEM? Personagens
- ✚ COMO? Enredo
- ✚ ONDE? Espaço
- ✚ QUANDO? Tempo
- ✚ Qual nicho da ficção científica será apresentado?
- ✚ **Situação inicial:** O que acontece no início da história, quando tudo ainda está bem? O que acontece de inesperado que desencadeia o problema?
- ✚ **Desenvolvimento:** Que problema a situação traz, que complica a história? Que conflito é gerado? Como a personagem principal reage? Quais são os sentimentos dela? Como a ciência pode auxiliar nessa resolução?
- ✚ **Clímax:** Que fato importante causa maior tensão no conto?
- ✚ **Desfecho:** Como é resolvido o problema? Como se encontra emocionalmente a personagem principal? A solução final do conflito será feliz, trágico, inesperado, cômico, surpreendente, etc.?

A produção deve começar na sala de aula, de modo que o professor possa acompanhar e orientar os alunos, e ser finalizada em casa, para que possam fazer as correções necessárias. Durante a escrita, é válido proporcionar dois momentos fundamentais: o primeiro, refere-se a autoavaliação por parte do aluno, em que ele desenvolve sua autonomia e aprende a ser crítico do seu próprio texto; o segundo, a avaliação dos pares, em que ele aprende a acatar sugestões e críticas do outro para melhoria do desempenho linguístico. A seguir, apresentamos uma tabela com algumas perguntas para orientar os alunos a avaliarem as suas obras e as dos colegas:

<b>AVALIAÇÃO</b>			
<b>Crítérios</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Sugestões</b>
Os elementos principais do conto estão presente no texto?			
O leitor consegue reconhecer que se trata de um conto de ficção científica?			
O início do texto é construído de forma a prender a atenção do leitor e instigá-lo a continuar a lê-lo?			
As personagens são importantes para o desenvolvimento da trama?			
Os adjetivos que qualificam as personagens permitem ao leitor conhecer suas características físicas e psicológicas?			
O tempo é descrito de forma que os leitores possam identificá-los?			
A linguagem está adequada ao narrador, personagens e leitores?			
O texto utiliza de linguagem simbólica?			
O texto atrai o leitor para continuar a leitura?			

A título de sugestão, os textos podem ser compilados em um livreto para ser arquivado na biblioteca da escola após a socialização na sala de aula.

A avaliação não deve ser encarada com o intuito de atribuir somente uma nota, mas como forma de análise do processo, das metodologias usadas e se alcançou os objetivos da proposta desenvolvida, o letramento literário. Para Cosson (2007, p.113), “O

objetivo maior da avaliação é engajar o estudante na leitura literária e dividir esse engajamento com o professor e os colegas- a comunidade de leitores.” Assim, o principal objetivo é promover o gosto pela leitura literária, ressaltamos que as produções realizadas no momento da interpretação, devem ser externalizadas para além da sala de aula, para que outras pessoas da comunidade escolar também possam querer ler as obras trabalhadas.

Convém ressaltar que a sequência de atividades apresentada de forma sistemática, não é intocável, pois os momentos da sequência podem ser trabalhados juntos, por exemplo, a motivação e a introdução, ou no dia da introdução já começar a leitura. Dessa forma, o professor pode adaptá-la de acordo com a realidade de seus alunos e da escola e com a carga horária disponível, uma vez que para alcançarmos os objetivos do letramento literário, há um leque de estratégias e metodologias que poderão ser utilizadas.

Para Cosson (2007, p. 72), “o que não se pode perder de vista é a ideia de conjunto ou de ordenamento necessários em qualquer método”, ou seja, precisamos compreender que uma sequência didática corresponde a um processo contínuo com ramificações que se unem em decorrência do interesse maior (objetivo geral) para os interesses menores (específicos), ou vice-versa, de uma coletividade. Portanto, quando se organiza uma sequência de atividade espera-se sua compreensão e execução. Mas dada ação não necessariamente precisará ser rigorosa para o alcance dos resultados esperados.

Inicialmente, ele (2007) propôs a sequência didática básica para promoção do letramento literário, mas diante de algumas demandas apresentadas pelos professores de ensino médio, desenvolveu a sequência expandida, ao que ele esclarece: “A sequência expandida vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literária inscritos no horizonte desse letramento na escola”(COSSON, 2007, p.76). Sendo uma expansão da sequência básica, acrescentada de outros momentos, tais como: contextualização (teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática), segunda interpretação, expansão e experiência reveladora. Cabe ao professor escolher qual tipo de sequência se adequa melhor a sua turma. Neste trabalho, optamos pela básica, entretanto ofereceremos algumas sugestões como possibilidade para trabalhar a sequência expandida.

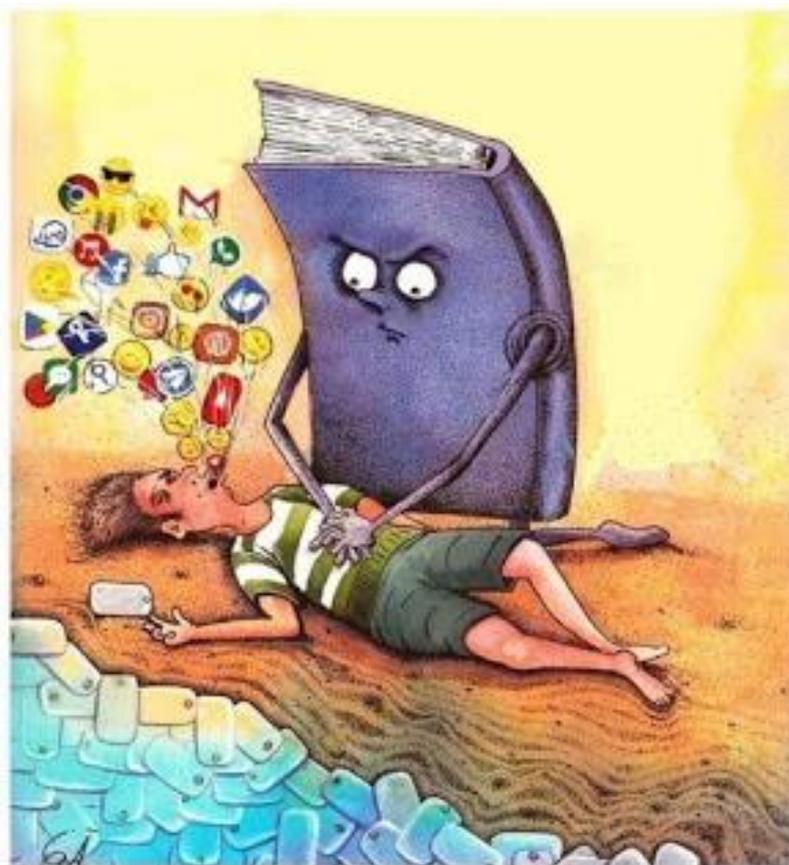
Uma possibilidade de expansão da nossa sequência seria uma atividade em conjunto com o professor de língua inglesa. Para tanto, sugerimos trabalhar como a reportagem “Sci-fi elements & celestial references decorate HAYDON interior in China”,

disponível em: <https://www.designboom.com/design/sci-fi-elements-celestial-references-haydon-interior-china-04-25-2021/>), para mostrar que o campo da ficção científica está presente não só na literatura e no cinema, mas também tem inspirado elementos de decoração.

Uma questão que também pode ser trabalhada com os alunos são pontos negativos da tecnologia. A contemporaneidade nos trouxe uma parafernália de aparelhos tecnológicos e diversas maneiras de nos conectar diretamente, encurtando distância e tempo, de modo que as informações circulam numa velocidade impressionante. A internet, por sua vez, torna-se sedutora por proporcionar ao usuário uma gama de caminhos e mecanismos virtuais que o faz se desconectar do mundo à sua volta.

Sabemos como a tecnologia é importante, como facilita a nossa vida. Entretanto, é preciso estar atento ao processamento desses novos produtos digitais, principalmente quando os usuários são crianças e adolescentes em formação. Naturalmente que usar a internet ou esses aparelhos não é prejudicial, principalmente para essa geração que já nasceu nessa era tecnológica, mas o que se faz necessário é a tutela de um adulto que possa mediar o como e o quanto usar. Às vezes, as pessoas se envolvem tanto com esses aparelhos por conta da sua comodidade e praticidade que “deixam de lado ” outras atividades que podem ser tão prazerosas quanto isso, como a busca de relações pessoais diretas e não apenas virtuais, as brincadeiras, o contato físico, a leitura de um bom livro. Recentemente, circulou em grupos de *Whatsapp* uma charge (apresentada abaixo) sobre as tecnologias e o livro, acompanhada da frase “Não morra de tédio ou de automação. Escape. Feliz dia do Livro!”

Figura 11- “O socorro que veio do livro”



Fonte: Whatsapp

Em virtude do que foi mencionado, cabe dizer que não se trata de desprestigiar ou minimizar as inovações tecnológicas nem tampouco condenar o seu uso, já que seríamos considerados obsoletos, mas a vida se abre para incorporar também outras atitudes e posturas que podem ser somadas a isso. Saber quais são as inovações tecnológicas e como funcionam é válido, no entanto, para que tenhamos um conhecimento mais aprofundado e confiável, os livros continuam sendo uma ferramenta essencial, pois são produzidos depois de anos de pesquisa. O ser humano não pode prescindir da leitura, uma vez que ele é um usuário da língua e precisa ampliar seu repertório linguístico, fato desenvolvido pelo contato com a escrita; além disso, o ato de ler estimula a criatividade, faz fluir a imaginação, desbloqueia a memória, desenvolve o senso crítico, entre outros.

Uma outra charge circulou nas redes sociais (apresentamos a seguir) sobre a influência das mídias digitais na vida do jovem, ressaltando a necessidade de ofertar outros meios e tipos de pesquisas, não somente a virtual, mas também a leitura do livro físico. Verifica-se, portanto, que a falta de conhecimento a respeito da existência de livros é consequência do uso excessivo de aparelhos tecnológicos.

Figura 12- Charge livros



Fonte: Revista Conexão Literatura facebook. Disponível em: <https://m.facebook.com/conexaoliteratura/photos/a.497844883600589/4061780273873681/?type=3&source=48>. Acesso em 22 maio de 2021.

Pensando no que propõe a charge e a fim de veicular um conhecimento crítico à sociedade, principalmente, com relação à compreensão leitora e as ferramentas tecnológicas, ver-se que há um olhar com relação à nova geração que deixa de ver no livro didático, ou nos paradidáticos, ou no livro físico, algo que traz conhecimento, como resultado de uma substituição da tecnologia ao livro físico, quando na realidade ambos têm algo a ensinar, o diferencial é a forma de manuseio.

Como dica de leitura para os professores que queiram se inteirar sobre o mundo da tecnologia, apresentamos, a seguir, uma lista com dez títulos de livros sobre o assunto, preparada pela Estante Virtual em comemoração ao dia do livro:

**“10 livros sobre tecnologia que mudaram o mundo**

**“1. 21 Lições para o Século 21**

Em 21 Lições para o Século 21, o autor Yuval Noah Harari (que também escreveu o best-seller Sapiens) aborda assuntos como compartilhamento de notícias falsas, inteligência artificial e crises ambientais para tentar trazer respostas sobre nossa vida no século atual.

Um dos pontos toca na necessidade que temos de manter o foco em meio a tantas mudanças constantes e quebras de paradigmas no funcionamento da sociedade. Como esperado por quem conhece o trabalho do autor, a ideia é discutir esses assuntos dando espaço para que o leitor também faça seus próprios questionamentos e chegue às suas próprias conclusões.

## **2. A Quarta Revolução Industrial**

Escrito por Klaus Schwab, engenheiro e economista fundador do Fórum Econômico Mundial, este livro é destrincha a revolução industrial pela qual estamos passando atualmente. De forma resumida, ela é definida pelo conjunto de novas tecnologias que surgem em velocidade crescente e, quase sempre, utilizando as revoluções anteriores como base para a transformação. Termos como nanotecnologia, drones, inteligência artificial e outros tantos que estampam as notícias de tecnologia diariamente são parte desse processo. No livro, Klaus tenta explicar por que nós temos todos esses avanços sob controle e como podemos utilizá-los para criar um futuro no qual a tecnologia existe com o propósito de melhorar a vida das pessoas.

Escrito por um dos maiores economistas atualmente vivos, é um livro essencial para entender que as mudanças vistas atualmente neste mercado são bem maiores do que muitos de nós davam conta.

## **3. Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem**

Um dos livros mais importantes já escritos para quem deseja entender os meios de comunicação, a obra de Marshall McLuhan é um clássico absoluto e que deveria ser lido por qualquer pessoa interessada em entender as mudanças nas formas de nos comunicar e em como os meios de massa afetam nossas vidas.

Escrita e publicada nos anos 1960, a obra de McLuhan é uma das responsáveis por popularizar a frase que você provavelmente já ouviu por aí: "o meio é a mensagem". Mesmo com tantas décadas de inovações tecnológicas separando este livro dos tempos atuais, ele impressiona por mostrar como conceitos universais podem ser aplicados até hoje para entender o mercado atual.

## **4. De Zero a Um**

Peter Thiel, cofundador do PayPal, quer mostrar como as ideias que criam negócios de sucesso não surgiram ao tentar copiar modelos bem-sucedidos que já estavam no mercado. Para ser um bom empreendedor, é preciso entender que copiar é muito mais fácil que criar algo novo e usar isso ao seu favor.

Mas um dos pontos mais importantes em De Zero a Um, e que ajudou imensamente no sucesso do livro, está na ideia de que não há fórmula perfeita para empreender. Afinal, se a proposta é que devemos ter ideias inovadoras e colocá-las em prática para alcançar o sucesso, é fácil perceber como não é possível dizer o certo e o errado em ideias que ainda não surgiram.

Peter Thiel aprofunda todos esses conceitos, usando diversas empresas de tecnologia e seus produtos bem-sucedidos para falar sobre empreendedorismo e mostrar a sua visão do futuro.

## **5. Inteligência Artificial**

Escrito por uma das mentes por trás das inteligências artificiais atuais, este livro é essencial para quem deseja se aprofundar especificamente nesse assunto. Para o autor Kai-Fu Lee, essas novas tecnologias devem apenas mudar a forma como trabalhamos, trazendo uma perspectiva mais otimista da nossa futura relação com o trabalho.

O autor acredita que o avanço da inteligência artificial permitirá que as pessoas dediquem cada vez menos tempo às obrigações enquanto compartilham uma renda crescente e passam mais tempo com a família e com os amigos. Uma boa leitura para quem deseja uma perspectiva diferente.

## **6. Futuro Presente**

Vencedor do Prêmio Jabuti, este livro escrito pelo pesquisador brasileiro Guy Perelmuter aborda os últimos avanços tecnológicos que mais estão impactando a sociedade e traz uma abordagem leve e informal para mostrar também quais mudanças podemos esperar durante os próximos anos, quando estas inovações continuarão a ser desenvolvidas.

### **7. A Regra é Não Ter Regras**

Escrito pelo próprio CEO da Netflix, este livro é obrigatório para entender a ascensão meteórica da empresa de streaming e os conceitos utilizados por seus executivos para criar uma marca global, presente hoje em praticamente todos os países do mundo e acumulando centenas de milhões de assinantes.

O executivo Reed Hastings une seus próprios relatos à frente da companhia de sucesso com entrevistas feitas com outros funcionários para explicar a história de sucesso e mostrar um pouco do que acontece por trás das cortinas de uma das marcas mais reconhecidas quando falamos em serviços que utilizam novas tecnologias.

### **8. Como Chegamos Até Aqui**

O escritor Steven Johnson utiliza sua habilidade de contar histórias para nos levar por uma narrativa que passa por algumas das maiores invenções e inovações da humanidade com o objetivo de responder à pergunta que dá título ao livro: como chegamos até aqui?

Mas o aspecto mais interessante da leitura que Johnson faz da história está nas relações que ele encontra ao longo do caminho, muitas vezes de casualidade, e que acabam resultando em mais descobertas. Pense em como a invenção do papel levou muitas pessoas a descobrirem que não conseguiam enxergar bem quando tentavam ler algo pequeno, o que acabou levando à criação dos óculos. É um emaranhado de inovações e ideias que acabaram moldando o mundo como o conhecemos hoje.

### **9. O Que a Google Faria?**

Escrito pelo jornalista criador da *Entertainment Weekly* e importante pensador Jeff Jarvis, esta obra destrincha a empresa de buscas mais famosa do mundo e um dos símbolos mais óbvios da transformação digital que aconteceu durante as últimas décadas.

Jarvis analisa como o funcionamento da Google acaba impactando os setores da sociedade e mudando a forma como vivemos.

### **10. Transformação Digital**

David L. Rogers é o responsável por este que é um dos livros essenciais para CEOs, empresários ou até mesmo entusiastas da área que estão tentando entender como as novas tecnologias afetam os seus negócios e o que eles podem fazer para não serem passados para trás durante esse período de mudanças.

Usando sua experiência ao ter trabalhado em empresas como IBM, Visa e Toyota e ajudado no processo de transformação digital dessas companhias, Rogers traz um apanhado do que é preciso fazer e em quais pontos os negócios do século passado devem focar para se adaptarem ao novo mundo conectado e cheio de concorrentes em potencial.”

Fonte: <https://canaltech.com.br/livros/10-livros-sobre-tecnologia-que-mudaram-o-mundo-183307/>  
Acesso em: 25 abr. 2021

Mediante o exposto, observa-se que esta sequência didática apresenta uma ampla variedade de atividades e de perspectivas de trabalho partindo da temática central que é literatura de ficção científica. A escolha por esta amplitude de possibilidade de trabalho não implica em uma imposição para o professor trabalhar todos os aspectos sugeridos,

muito menos na linearidade apresentada. O objetivo é despertar o professor para o mundo de possibilidades que o trabalho com um conto de ficção científica pode proporcionar a ele e aos alunos. As muitas sugestões apontadas podem, portanto, ser trabalhadas ao longo de um semestre e na ordem que o professor desejar, podendo algumas serem suprimidas, uma vez que todo o trabalho se constitui em uma proposta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas pesquisas são realizadas sobre leitura e o ensino de literatura, devido sua importância na vida dos indivíduos. A formação de leitores proficientes, principalmente, leitores literários, é uma questão que precisa ser estudada, a fim de que as performances da sala de aula sejam melhoradas, tabus sejam quebrados e paradigmas reformulados. Em face das novas invenções tecnológicas, esse cenário mudou e as metodologias usadas para desenvolver as práticas de leitura precisam ter uma nova roupagem. Acreditamos que nossa proposta seja uma forma diferente de promover o hábito da leitura, pois aliamos o gosto que os alunos da faixa-etária do Ensino Fundamental II, especialmente do 9º ano, têm pela ficção científica a uma proposta de trabalho com diferentes nichos desta vertente literária.

Nesse âmbito, é imprescindível que o professor seja um leitor assíduo, capaz de seduzir os alunos pelo repertório de leituras empreendidas sobre assuntos variados, a fim de direcioná-los a uma boa leitura, mediando a interpretação, observando as dificuldades encontradas por eles e desafiando-os a leituras mais complexas. Assim sendo, a prática de leitura não pode ser mecânica e imposta, deve ser significativa e planejada com ações bem desenvolvidas para que atinja o seu fim: a formação do ser humano nos seus aspectos cognitivos, linguísticos, emocionais, culturais, etc.

Acresça-se a isso que, para a ampliação do repertório de leitura literária, o professor deve levar à sala de aula uma variedade de expressões culturais, ressaltando que a literatura está presente em outros suportes e meios, e não apenas em textos escritos. Dessa forma, o trabalho com uma variedade de gêneros textuais possibilita que os alunos potencializem suas habilidades de leitura e de escrita como práticas sociais. Tendo em vista que o objetivo do letramento literário é criar um leitor capaz de se posicionar e interagir com o texto, num processo de reconhecimento de si e da sociedade.

Nessa mesma perspectiva, o ensino-aprendizagem da produção de texto deve ser redefinido, alterando tanto o papel do professor quanto do aluno; aquele torna-se um mediador, especialista nos diversos gêneros existentes e este um participante do processo de construção do conhecimento. Sendo assim, a sala de aula transforma-se em uma oficina, espaço de interação entre aluno-professor, aluno-aluno, em que vivenciarão as etapas da produção, socializando ideias num processo de faz-refaz.

A insegurança e a angústia do aluno, tão comuns nesse momento, serão amenizadas, quando ficar claro que o ato de escrever pressupõe alguns elementos

essenciais que serão definidos antes do processo de escrita: para quem se escreve, o que se quer dizer, com que finalidade, qual o gênero mais adequado a essa finalidade e como se produz esse gênero.

Outro aspecto a ser considerado e de grande valia é a adoção de estratégias de produção que faz uso de uma situação real, em que os alunos vão interagir com o mundo, envolvendo-se em projetos de ação social e não apenas simulando, como por exemplo enviar uma carta para um aluno de outra escola, escrever um texto de campanha comunitária de prevenção e combate a alguma doença, realizar uma entrevista com alguém da comunidade, etc. Dessa forma, os alunos não se apropriam apenas das características, da estrutura, das informações e das questões linguísticas referentes ao gênero estudado, mas também participa da tomada de decisões no meio social, como cidadão consciente de seus deveres e direitos.

No tocante às tecnologias da informação e da comunicação (TIC), cabe dizer que exercem grande influência sobre as pessoas, principalmente os jovens e desempenham papel muito importante na forma como os indivíduos se comunicam, aprendem e vivem. Por isso, podem contribuir para a universalização da educação, de forma a promover a equidade e a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, aliar as TICs à educação é uma ação capaz de propiciar inúmeros benefícios como a formação continuada dos profissionais da educação, dinamizar a gestão (seja ela em sentido mais amplo ou mesmo restrito à escola) ao oferecer a combinação adequada de políticas, tecnologias e capacidades, assim promovendo o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os alunos são nativos digitais, acostumados a usar essas tecnologias nas suas atividades diárias. Além disso, o ambiente virtual possibilita uma leitura global reflexiva, visto que agrega ao texto multimidiático vivências diversas que colaboram para a reflexão; isso porque o aluno dialoga em tempo real com diferentes textos, mas com a mesma abordagem e, assim, constrói o saber através da interação.

Já o trabalho com Sequência Didática constitui-se em uma ferramenta eficaz, pois possibilita que alunos e professores estejam em sintonia com o processo de aprendizagem, reconhecendo que para sua efetivação ambos precisam estar dispostos a estudar. É importante que os educandos saiam da passividade (esperando as respostas e conhecimentos repassados pelos professores) e descubram que são responsáveis pela construção de sua aprendizagem. Para tanto, o educador não deve ser, simplesmente, o transmissor de conhecimento, mas alguém que promove situações estimulantes para si e seus alunos. As metodologias empregadas precisam ser diversificadas, contendo vários

recursos didáticos que permitam a investigação e a interação dos alunos para produção de novos conhecimentos e saberes.

Ademais, no âmbito da leitura, fazer uso do subgênero ficção científica, por meio de sequências didáticas, é uma estratégia de grande valia, uma vez que consiste em uma atividade de baixo custo e atraente para o público-alvo desta proposta, sobretudo pelo seu dinamismo, uma vez que podemos agregar a ela tanto textos literários quanto documentários, músicas, filmes, dentre outros. Nesse sentido, a proposta aqui apresentada resulta numa alternativa eficiente para o ensino de literatura, pois oportuniza ao leitor em formação ir além da simples decodificação da obra literária, proporciona o ler por prazer, permitindo a interação com o texto e sua interpretação, de forma a aperfeiçoar também seu senso crítico. Dessa experiência, resulta a formação do leitor e o que se chama de letramento literário.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M.L. *Produção de texto: interlocução e gêneros*. São Paulo: Moderna, 2007.

ALVES, Rafaela de Souza; CARVALHO, Vanessa Dantas. O uso do vlog no desenvolvimento da habilidade oral em língua inglesa. In: *Revista Pesquisas em Discurso Pedagógico* PUC- RIO. 2016.2 Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28284/28284.PDFXXvmi>= Acesso em: 13 mar. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: \_\_\_\_\_ *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, 1986.

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1994.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44 ed.- São Paulo: Cultrix, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base nacional comum curricular*. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua Portuguesa. In: KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. Ed., 8ª reimpressão.-São Paulo: Contexto, 2013.

BRASIL. *Orientações Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias (ensino médio)*. Literatura. Brasília: MEC/SEB, 2006. Vol. 1, 240 p.

BRASIL. Ministério da Educação. *Edital PNLD 2020 Obras Didáticas e Literárias Anos Finais do Ensino Fundamental*. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/consultas/editais-programas-livro/item/11555-edital-pnld-2020>. Acesso em 23 mar. 2020

BRASIL. Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil*, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/acoes-internacionais/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>. Acesso em: 13 mai. 2020.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2.ed. ver. e ampl. -- Maringá: Eduem, 2005.

CABRAL, Ana Beatriz. O texto, o contexto e o pretexto: ensino de literatura, após a reforma do ensino médio. 2008. 247 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras; 2004.

CANDIDO, Antonio de Mello e Souza. O direito à literatura. In.: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CAPPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana Cláudia; KMOHAN, Gilberto. Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia. In: *Revista Famecos*, n.13: Porto Alegre, 2000.

CAPPARELLI, Sérgio. GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. *Ciberpoemas*. Disponível em: <http://www.ciberpoesia.com.br/>. Acesso em: 13 jan. 2020.

CARDOSO, C. F.: Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado? História, Ciências, Saúde. In: *Manguinhos*, v. 13 (suplemento), outubro 2006, p. 17-37.

CEARÁ, Secretaria da Educação. *Professores em formação: a escola como lugar de pesquisa*; SANTOS, Francisco Kennedy Silva dos (org.). Fortaleza: SEDUC, 2011.

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*; São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. (Tradução Laura Sandroni). São Paulo: Global, 2007.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 1. ed., São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. *Círculo de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Rildo (Coords). *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CUNHA, Alanna Rodrigues Neri. DIAS, Daise Lilian Fonseca. Sequência didática para ensino de literatura com ficção científica. In: *Revista Letras Raras*. Suplemento do v. 8 n. 4, - Anais da IV Jornada Nacional de Línguas e Linguagens, 2019.

DIAS, Ana Creliá; SOUZA, Raquel Cristina de Souza e. A leitura literária no segundo segmento do ensino fundamental: a identidade do professor em questão. In: *Terra Roxa e Outras Terras*. Revista de Estudos Literários, [S.l.], v. 31, p. 70-81, dez. 2016. ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/27155>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

DIAS, Anair Valênia Martins. TIBÚRCIO, Fábio. Para além da palavra: multissemiótica e hibridismo na urdidura do ciberpoema. In: *Revista Fronteiras*, n. 19, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2017i19p253-271> Acessado em 22 mar. 2021

DIAS, Daise Lilian Fonseca. A subversão póscolonialista do ethos europeu em “Assassinatos na rua do necrotério:” a questão de crimes contra a mulher. In: *Anais XIII*

CONAGES (Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades). Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/42075>>. Acesso em: 19/01/2021

DIAS, Daise Lilian Fonseca. Ficção científica na sala de aula: o (pós)colonialismo de Edgar Allan Poe. In: *Anais VI CONEDU* (Congresso Nacional de Educação). Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/60521>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. Ficção científica e distopia: Contos de Edgar Allan Poe para a sala de aula. In: *Anais XI Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED*, Campina Grande, 2019. Disponível em: <http://ainpgp.net/painel/wp-content/uploads/2021/01/Anais-Artigos-Cient%C3%ADficos-FIPED-Cajazeiras.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2021

DIAS, Daise Lilian Fonseca. *Os fatos no caso de M. Valdemar*: a ficção científica de Edgar Allan Poe para a sala de aula. In: *Anais XI Fórum Internacional de Pedagogia – FIPED*. Campina Grande: Editora Realize, 2019. Disponível em: <http://ainpgp.net/painel/wp-content/uploads/2021/01/Anais-Artigos-Cient%C3%ADficos-FIPED-Cajazeiras.pdf>. Acesso em 13/ 01/2021

DIAS, Daise Lilian Fonseca; ANDRADE, Ana Maria Lourenço de. Ensino de literatura nas aulas de língua inglesa através da ficção científica. In: *Revista Letras Raras*. Suplemento do v. 8 n. 4 - Anais da IV Jornada Nacional de Línguas e Linguagens, 2019.

DEBUS, Eliane; JULIANO, Dilma Beatriz; BORTOLOTTI, Nelita (orgs.). *Literatura infantil e juvenil*: do literário a outras manifestações estéticas. Tubarão: Copiart: Unisul, 2016.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). *Escolarização da leitura literária*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

EVANGELISTA, Raphael. 12 previsões acertadas pelos Jetsons sobre a tecnologia do século 21. In: *Veja* Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/04/11-previsoes-que-os-jetsons-acertaram-sobre-a-tecnologia-no-seculo-21.htm> Acesso em: 13 abr. 2020

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes; PETEROSSO, Helena Gemignani. *Anotações sobre metodologia e prática de ensino na escola de 1º grau*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996. v.10. Coleção "Educação". 135p.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Leitura, escrita e literatura em tempos de internet. In: Paiva, Aparecida et al. (orgs) *Literatura e letramento*: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 155-173.

GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008.

HAYLES, N. Katherine. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global, 2009.

KLEIMAN, Angela B. (orgs.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Texto e leitor: Aspectos cognitivos da Leitura*. 10ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2007.

\_\_\_\_\_. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? In: Coleção *Linguagem e Letramento em foco*. Linguagem nas séries iniciais. Brasília/DF: MEC; Campinas/SP: Cefiel. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e compreender: os sentidos do texto/ Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias*.-3. Ed., 8ª reimpressão.-São Paulo: Contexto, 2013.

LEBRUN, Marlène. A emergência e o choque das subjetividades de leitura do maternal ao ensino médio graças ao espaço interpretativo aberto pelos comitês de leitura. In ROUXEL, Annie et al. (orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

LEONARDO, Edivaldo Marcondes. *A ficção científica no Brasil nas décadas de 60 e 70 e Fausto Cunha*. 2007. 95p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *A arte do conto: sua história, seus gêneros, sua técnica, seus mestres*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1972.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da Fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

MARIA, Luzia de. *Leitura & Colheita*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MATOS, Mariana Rocha; SILVA, Débora Cristina Santos e. Poesia e hipertexto em Arnaldo Antunes: Reinventando a página poética. In: *Revista ÍCONE - Revista de Letras*, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 211-227, jul. 2008. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/issue/view/251>. Acesso em: 14 abr. 2021.

MIRANDA, Johann Dakitsch. *Projeto de desenvolvimento de ilustrações para livro de fantasia e ficção científica publicado em mídia digital: “o cavaleiro e o mercenário”*. 2018. 145 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Design Gráfico) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/13800> Acesso em 25, jul. 2019

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.

NETO, Antônio Loureiro da Silva; PEREIRA, Francisco Afrânio Câmara. Leitura literária no ensino fundamental: uma experiência a partir do gênero conto. In: *Revista Afluente*, v.1, n.2, jul./set., 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/5821>. Acesso em 22 maio 2020.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. Sequência didática interativa no processo de formação de professores. Petrópolis: Vozes, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PAIVA, Aparecida. Margeando a educação: o lugar das “outras linguagens”. In: Paiva, Aparecida et al. (orgs) *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 177 – 185.

PASSARELLI, Lílian Ghiuro. *Ensino e correção na produção de textos escolares*. 1. ed. São Paulo: Telos, 2012.

PAULINO, Graça. *Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares*. Caxambu, Minas Gerais: ANPED, 1998.

PEREIRA, Élide Passone Perretti. *Desenvolvimento de estratégias de leitura: o conto na sala da aula*. Dissertação – Assis, 2019. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182014/pereira\\_epp\\_me\\_assis\\_int.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/182014/pereira_epp_me_assis_int.pdf?sequence=5&isAllowed=y) Acesso em: 13 mar. 2021.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. Campina Grande: Bagagem. 2007.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. 2 ed. São Paulo: Martis Fontes, 2001.

RIOLFI, Claudia et. al. *Ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

ROBERTS, Adam. *Science Fiction*. London: Routledge, 2000.

ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas*. Tradução Mario Molina. São Paulo: Seoman, 2018.

RODRIGUES, Ana Clara Lima. Uso das tecnologias na escola: Stop Motion como ferramenta de ensino e aprendizagem. *Revista de Educação Popular*, v.18, n.2, p.252-269, 15 out. 2019.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. *Multiletramentos na escola*. Roxane Rojo, Eduardo Moura (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. Por novos e múltiplos letramentos. In: *Revista Na Ponta do Lápis*, Ano XII, n. 27, Ago. 2016.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard & REZENDE, Neide Luzia (org) *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

SCHNEUWLY, B; DOLZ, J et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução Roxane Rojo e gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004.

SILVA, Claudicélio Rodrigues. *Corpo de letras: Ensinar ou Encenar literatura?* Disponível em: Notandum 42 set-dez 2016 – CEMOrOC - Feusp / IJI-Univ. do Porto DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.42.2> Acessado em: 13 abr. 2020

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização: a questão dos métodos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2017

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUSA, Guilherme Moés Ribeiro De. O gênero discursivo/multimodal vlog como alicerce para o ensino de língua portuguesa: uma proposta de leitura, escrita e oralidade para a sala de aula. In: *Anais IV SINALGE - Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais*. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/27507>>. Acesso em: 24 mar. 2021

SOUSA, Nayra Rayssa Gomes de. O gênero ciberpoesia: reflexões sobre uma nova expressão poética do nosso tempo. In: *Revista Cotaphora. Anais do VII COGITE - Colóquio sobre Gêneros & Textos*, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ancogite/article/view/11686>. Acesso em: 11 abr. 2021.

SOUZA, José Batista de; SCHLINDWEIN, Ana Flora. Os desafios da formação do leitor contemporâneo e a literatura digital. In: *Revista Leia Escola*, Campina Grande, v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/1237> Acesso em 13 mar. 2021.

SPALDING, M. *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea*. Dissertação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. p. 81.

STAKE, R. E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011.

TERRA, Márcia Regina. Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita. In: *DELTA* [online]. 2013, vol.29, n.1, pp.29-58.

TRINDADE, Maria de Nazaret. *Literacia: teoria e prática: orientações metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2002.

VARGAS, Ingobert. *Políticas Públicas para o Livros e a Leitura no Brasil: Acervos para os anos iniciais do ensino fundamental*. / Ingobert Vargas; orientador, Eliane Santana Dias Debus – 190p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158837>. Acesso em 13 abr. 2020

VIEGA, Milena dos Santos; MELO, Mara Rúbia Santos. Desafios do professor diante das Tecnologias de Informação e Comunicação. In: *Multiciência Online @2016* Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus Santiago. Disponível em: <http://www.urisantiago.br/multicienciaonline/adm/upload/v2/n4/07a51292294a11677d201670993f930b.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2020.

ZILBERMAN, Regina. Letramento literário: não ao texto, sim ao livro. In: Paiva, Aparecida et al. (orgs) *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 245 -266.